

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1. Estudo I – Análise e Comparação das Competências Psicológicas de Jogadores de Futebol para e entre o Grupo Elite e Não Elite

Efectuou-se a análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos recorrendo ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences – SPSS* (Versão 18.0). Neste estudo foram realizadas duas séries de análises. Inicialmente recorreremos a uma análise descritiva para as variáveis demográficas recolhidas nos dois grupos, elite e não-elite, e num segundo momento procedemos a uma análise de carácter inferencial recorrendo a testes paramétricos para amostras independentes, *T-Student* e *One-WayAnova*.

#### 4.1.1. Análise Descritiva dos Dados Demográficos dos Jogadores

Considerando as variáveis demográficas e desportivas dos jogadores, apresentamos nos quadros seguintes, os resultados das suas características descritivas. No Quadro 3 estão representados os valores médios, valores mínimos e máximos, desvios-padrão e a frequência das variáveis em análise para o grupo de elite, e no Quadro 4, para o grupo não-elite.

**Quadro 3.** Análise descritiva dos dados demográficos do grupo de elite

<b>Grupo Elite</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>Min.</b>	<b>Max.</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Escalão						
Sub 14	26	28,3				
Sub 15	23	25,0				
Sub 16	23	25,0				
Sub 17	20	21,7				
Idade	92		13	17	15,05	1,02
Idade de início da prática	92		5	10	7,38	1,05
_Anos prática federada	92		4	10	7,61	1,25

Nº médio de horas treino p/ semana	92	5	8	6,58	,88
Habilitações literárias	92	6	11	9,29	1,10
Jogos Oficiais p/ ano					
Nacionais		28	38	35,73	1,95
Internacionais		0	12	3,45	4,55
Posição específica					
Guarda-redes	11	12,0			
Defesa	34	37,0			
Médio	24	26,1			
Avançado	23	25,0			

**Quadro 4.** Análise descritiva dos dados demográficos do grupo não-elite

Grupo Não-elite	N	%	Min.	Max.	M	DP
Escalão						
Sub 14	26	28,3				
Sub 15	23	25,0				
Sub 16	23	25,0				
Sub 17	20	21,7				
Idade	85		13	17	14,86	,97
Idade de início da prática	85		6	12	8,94	1,21
Anos prática federada	85		2	10	5,88	1,62
Nº médio de horas treino p/ semana	85		1	6	5,47	1,23
Habilitações literárias	85		6	11	8,76	1,13
Jogos Oficiais p/ ano						
Nacionais			14	44	35,24	4,24
Internacionais			0	10	,12	1,08
Posição específica						
Guarda-redes	6	7,1				
Defesa	32	37,6				
Médio	23	27,1				
Avançado	24	28,2				

Através da análise dos dados demográficos dos dois grupos, e procedendo à sua comparação, verificamos que o grupo de elite, relativamente à variável *idade*, evidencia uma média superior ( $15,05 \pm 1,02$ ) em relação ao grupo não elite ( $14,86 \pm 0,97$ ). Considerando a variável *idade de início da prática*, o grupo de elite evidencia um valor médio inferior ( $7,38 \pm 1,05$ ) comparativamente com o grupo não-elite ( $8,94 \pm 1,21$ ). Verificamos que ainda nesta mesma variável, o grupo elite tem como valor mínimo de *idade de início de prática* aos 5 anos, e como máximo aos 10 anos. Por sua vez o grupo não-elite apresenta como valor mínimo 6 anos, e valor máximo 12 anos. Quando analisamos a variável *anos de prática federada*, verificamos que o grupo de elite apresenta uma média superior ( $7,81 \pm 1,25$ ; mínimo = 4; máximo = 10) comparativamente com a do grupo não-elite ( $5,88 \pm 1,62$ ; mínimo = 2; máximo = 10). Considerando o *número médio de horas de treino por semana*, verificamos que mais uma vez o valor médio se apresenta superior no grupo elite ( $6,58 \pm 0,88$ ) em relação ao grupo não-elite ( $5,47 \pm 1,23$ ).

#### 4.1.2. Análise das Competências Psicológicas entre o Grupo de Elite e Não-Elite

No Quadro 5 apresentamos a estatística descritiva das distintas competências psicológicas avaliadas nos dois grupos de jogadores, elite e não-elite.

**Quadro 5.** Análise Descritivas das Competências Psicológicas para os dois Grupos

	Tipo de Grupo	N	M	Min	Max	DP
Controlo de Ansiedade	Elite	92	<b>3,47</b>	2,80	4,20	,26
	Não-elite	85	3,07	1,90	4,00	,39
Concentração	Elite	92	<b>3,66</b>	3,00	4,83	,38
	Não-elite	85	3,18	2,00	4,50	,59
Auto-confiança	Elite	92	<b>3,73</b>	2,89	4,89	,32
	Não-elite	85	3,45	1,89	4,78	,56
Preparação Mental	Elite	92	<b>3,10</b>	2,17	4,00	,33
	Não-elite	85	2,82	1,83	4,00	,44
Motivação	Elite	92	<b>4,19</b>	3,71	4,86	,25

	Não-elite	85	3,64	1,86	5,00	,60
Ênfase na Equipa	Elite	92	<b>4,10</b>	3,43	4,86	,34
	Não-elite	85	3,99	3,00	4,71	,36

Através da análise dos distintos valores, observamos que para o grupo elite as competências psicológicas que mais se salientam são a *Motivação* ( $4,19 \pm 0,25$ ) e *Ênfase na Equipa* ( $4,10 \pm 0,34$ ). O mesmo se verifica para o grupo não-elite, no entanto, com *scores* médios relativamente inferiores para ambas as dimensões, *Motivação* ( $3,64 \pm 0,25$ ) e *Ênfase na Equipa* ( $3,99 \pm 0,36$ ).

A competência psicológica menos salientes para o grupo de elite é a *Preparação Mental* ( $3,10 \pm 0,33$ ), ainda que os valores se situam muito próximos. Para o grupo não-elite, verifica-se igualmente que a *Preparação Mental* ( $2,82 \pm 0,44$ ) apresenta-se como a dimensão que menos se salienta.

Em termos globais, o grupo elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas.

Verifica-se que para a presente amostra de jogadores, todas as dimensões psicológicas apresentam diferenças significativas (Ver Quadro 6) entre o grupo de elite e não elite.

#### Quadro 6. Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos

	Teste de Levene		T-Test						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Dif. Média	Erro Padrão	95% Intervalo de Confiança	
								Min	Máx
<b>Controlo de Ansiedade</b>	12,68	,000	7,82	175	<b>,000</b>	,394	,050	,294	,493
			7,70	145,1	<b>,000</b>	,394	,051	,293	,495
<b>Concentração</b>	15,78	,000	6,37	175	<b>,000</b>	,476	,074	,329	,624
			6,27	140,8	<b>,000</b>	,476	,075	,326	,626
<b>Auto-confiança</b>	27,26	,000	4,19	175	<b>,000</b>	,285	,068	,151	,420
			4,11	131,5	<b>,000</b>	,285	,069	,148	,423
<b>Preparação Mental</b>	3,78	,053	4,69	175	<b>,000</b>	,277	,059	,160	,394
			4,64	156,4	<b>,000</b>	,277	,059	,159	,395
<b>Motivação</b>	45,47	,000	8,03	175	<b>,000</b>	,553	,068	,417	,689

			7,81	109,9	<b>,000</b>	,553	,070	,413	,694
<b>Ênfase na</b>	,37	,542	2,11	175	<b>,036</b>	,112	,053	,007	,217
<b>Equipa</b>			2,10	170,7	<b>,037</b>	,112	,053	,006	,217

Considerando este enquadramento de resultados, poderemos considerar que a hipótese do estudo *Existem diferenças significativas nas competências psicológicas para o grupo de elite e não-elite*, delineada anteriormente, se confirma.

#### 4.1.3. Análise das Competências Psicológicas para o Grupo de Elite em função do escalão competitivo

Para procedermos à análise das competências psicológicas do grupo de elite em função dos distintos escalões competitivos, recorreremos à utilização da técnica estatística *One-Way Anova* com o objectivo de identificar se existem diferenças significativas entre os distintos escalões competitivos para com as distintas competências psicológicas. Ao analisarmos os resultados apresentados no Quadro 7, verificamos que o grupo de elite evidencia diferenças significativas ao nível das dimensões *Concentração* ( $0.013 < 0.05$ ), *Auto-confiança* ( $0.005 < 0.05$ ), *Motivação* ( $0.000 < 0.05$ ) e *Ênfase na Equipa* ( $0.000 < 0.05$ ).

**Quadro 7.** Análise das Competências Psicológicas entre os diferentes escalões para o grupo de elite

		Soma		M		
		Quadrados	df	Quadrados	F	Sig.
Controlo de Ansiedade	Entre Grupos	,179	3	,060	,841	,475
	No Grupo	6,251	88	,071		
	Total	6,431	91			
Concentração	Entre Grupos	1,513	3	,504	3,780	<b>,013</b>
	No Grupo	11,737	88	,133		
	Total	13,250	91			
Auto-confiança	Entre Grupos	1,273	3	,424	4,595	<b>,005</b>
	No Grupo	8,127	88	,092		
	Total	9,400	91			
Preparação	Entre Grupos	,027	3	,009	,076	,973

Mental	No Grupo	10,409	88	,118		
	Total	10,436	91			
Motivação	Entre Grupos	2,634	3	,878	25,178	<b>,000</b>
	No Grupo	3,069	88	,035		
	Total	5,703	91			
Ênfase na Equipa	Entre Grupos	3,942	3	1,314	17,538	<b>,000</b>
	No Grupo	6,593	88	,075		
	Total	10,535	91			

#### 4.1.3.1. Controlo de Ansiedade

Analisando especificamente a dimensão *Controlo de Ansiedade* verificamos que não existem diferenças significativas ( $p < 0.05$ ) entre os diferentes escalões do grupo de elite (Ver Quadro 8).

**Quadro 8.** Análise da dimensão *Controlo de Ansiedade* para o Grupo Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Controlo de Ansiedade	Sub14	Sub15	,035	,076	,967	-,164	,235
		Sub16	,091	,076	,626	-,108	,291
		Sub17	-,028	,079	,983	-,236	,178
	Sub15	Sub14	-,035	,076	,967	-,235	,164
		Sub16	,056	,078	,889	-,149	,262
		Sub17	-,064	,081	,860	-,277	,149
	Sub16	Sub14	-,091	,076	,626	-,291	,108
		Sub15	-,056	,078	,889	-,262	,149
		Sub17	-,120	,081	,453	-,334	,092
Sub17	Sub14	,028	,079	,983	-,178	,236	
	Sub15	,064	,081	,860	-,149	,277	
	Sub16	,120	,081	,453	-,092	,334	

Nota: Tukey HSD (sig. ,425).

## 4.1.3.2. Concentração

Na análise da dimensão *Concentração* verificamos que existem diferenças significativas entre os Sub 14 e os Sub 16 ( $0.024 < 0.05$ ), e entre os Sub 14 e os Sub 17 ( $0.036 < 0.05$ ). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta dois grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 17, Sub 16 e Sub 15 (sig. 0,418) e o segundo grupo constituído pelos Sub 14 e Sub 15 (sig. 0,587) (ver Quadro 9).

**Quadro 9.** Análise da dimensão *Concentração* para o Grupo Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Concentração	Sub14	Sub15	,136	,104	,560	-,136	,410
		Sub16	,303	,104	<b>,024</b>	,029	,577
		Sub17	,298	,108	<b>,036</b>	,013	,582
	Sub15	Sub14	-,136	,104	,560	-,410	,136
		Sub16	,166	,107	,414	-,115	,448
		Sub17	,161	,111	,476	-,131	,453
	Sub16	Sub14	-,303	,104	<b>,024</b>	-,577	-,029
		Sub15	-,166	,107	,414	-,448	,115
		Sub17	-,005	,111	1,000	-,297	,287
Sub17	Sub14	-,298	,108	<b>,036</b>	-,582	-,013	
	Sub15	-,161	,111	,476	-,453	,131	
	Sub16	,005	,111	1,000	-,287	,297	

## 4.1.3.3. Auto-confiança

Procedendo à análise da dimensão *Auto-confiança* verificamos que existem diferenças significativas entre os Sub 14 e os Sub 15 ( $0.033 < 0.05$ ), entre os Sub 14 e os Sub 16 ( $0.018 < 0.05$ ), e entre os Sub 14 e os Sub 17 ( $0.014 < 0.05$ ). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta dois

grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 17, Sub 16 e Sub 15 (sig. 0.977) e o segundo grupo constituído pelos Sub 14 (sig. 1.000) (Ver quadro 10).

**Quadro 10.** Análise da dimensão *Auto-confiança* para o Grupo Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Auto-confiança	Sub14	Sub15	,241	,086	<b>,033</b>	,014	,469
		Sub16	,261	,086	<b>,018</b>	,033	,489
		Sub17	,278	,090	<b>,014</b>	,041	,515
	Sub15	Sub14	-,241	,086	<b>,033</b>	-,469	-,014
		Sub16	,019	,089	,996	-,215	,254
		Sub17	,036	,092	,979	-,206	,280
	Sub16	Sub14	-,261	,086	<b>,018</b>	-,489	-,033
		Sub15	-,019	,089	,996	-,254	,215
		Sub17	,017	,092	,998	-,225	,260
	Sub17	Sub14	-,278	,090	<b>,014</b>	-,515	-,041
		Sub15	-,036	,092	,979	-,280	,206
		Sub16	-,017	,092	,998	-,260	,225

#### 4.1.3.4. Preparação Mental

Procedendo à análise da dimensão *Preparação Mental* aferimos que não existem diferenças significativas ( $p < 0.05$ ) entre os escalões etários para esta mesma dimensão (ver Quadro 11).

**Quadro 11.** Análise da dimensão *Preparação Mental* para o Grupo Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Preparação Mental	Sub14	Sub15	,028	,098	,992	-,229	,286
		Sub16	-,007	,098	1,000	-,265	,250
		Sub17	,032	,102	,989	-,235	,299
	Sub15	Sub14	-,028	,098	,992	-,286	,229

	Sub16	-,036	,101	,984	-,301	,229
	Sub17	,003	,105	1,000	-,271	,279
Sub16	Sub14	,007	,098	1,000	-,250	,265
	Sub15	,036	,101	,984	-,229	,301
	Sub17	,039	,105	,981	-,235	,315
Sub17	Sub14	-,032	,102	,989	-,299	,235
	Sub15	-,003	,105	1,000	-,279	,271
	Sub16	-,039	,105	,981	-,315	,235

Nota: Tukey HSD (Sig. 0.980)

#### 4.1.3.5. Motivação

Procedendo à análise da dimensão *Motivação* aferimos que existem diferenças significativas entre os Sub 14 e os Sub 15 ( $0.000 < 0.05$ ), entre os Sub 14 e os Sub 16 ( $0.000 < 0.05$ ), entre os Sub 14 e os Sub 17 ( $0.000 < 0.05$ ), e entre os Sub 15 e os Sub 17 ( $0.030 < 0.05$ ) (ver Quadro 12). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta três grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 15 e Sub 16 (sig. 0.676), o segundo constituído pelos Sub 16 e Sub 17 (sig. 0.287), e o terceiro constituído pelos Sub 14 (sig. 1.000).

**Quadro 12.** Análise da dimensão *Motivação* para o Grupo Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Motivação	Sub14	Sub15	,425	,053	,000	,285	,565
		Sub16	,363	,053	,000	,223	,503
		Sub17	,264	,055	,000	,119	,410
	Sub15	Sub14	-,425	,053	,000	-,565	-,285
		Sub16	-,062	,055	,673	-,206	,082
		Sub17	-,160	,057	,030	-,310	-,011
	Sub16	Sub14	-,363	,053	,000	-,503	-,223
		Sub15	,062	,055	,673	-,082	,206
		Sub17	-,098	,057	,315	-,248	,050
Sub17	Sub14	-,264	,055	,000	-,410	-,119	
	Sub15	,160	,057	,030	,011	,310	

	Sub16	,098	,057	,315	-,050	,248
--	-------	------	------	------	-------	------

#### 4.1.3.6. Ênfase na Equipa

Procedendo à análise da dimensão *Ênfase na Equipa* aferimos que existem diferenças significativas entre os Sub 14 e os Sub 15 ( $0.000 < 0.05$ ), entre os Sub 14 e os Sub 16 ( $0.000 < 0.05$ ), entre os Sub 14 e os Sub 17 ( $0.000 < 0.05$ ) (ver Quadro 13). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta dois grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 17, Sub 16 e Sub 15 (sig. 0.118) e o segundo grupo constituído pelos Sub 14 (sig. 1.000).

**Quadro 13.** Análise da dimensão *Ênfase na Equipa* para o Grupo Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Ênfase na Equipa	Sub14	Sub15	,535	,078	,000	,330	,740
		Sub16	,411	,078	,000	,206	,616
		Sub17	,353	,081	,000	,140	,566
	Sub15	Sub14	-,535	,078	,000	-,740	-,330
		Sub16	-,124	,080	,419	-,335	,087
		Sub17	-,182	,083	,137	-,401	,036
	Sub16	Sub14	-,411	,078	,000	-,616	-,206
		Sub15	,124	,080	,419	-,087	,335
		Sub17	-,058	,083	,899	-,277	,161
Sub17	Sub14	-,353	,081	,000	-,566	-,140	
	Sub15	,182	,083	,137	-,036	,401	
	Sub16	,058	,083	,899	-,161	,277	

#### 4.1.4. Análise das Competências Psicológicas para o Grupo Não-Elite em função do escalão competitivo

Para procedermos à análise das competências psicológicas do grupo não-elite em função dos vários escalões competitivos, recorreremos à utilização da técnica estatística *One-Way Anova* com o objectivo de identificar se existem diferenças significativas entre os

escalões competitivos para com as distintas competências psicológicas. Ao analisarmos os resultados, apresentados no Quadro 14, verificamos que o grupo de elite evidencia diferenças significativas ao nível das dimensões *Concentração* ( $0.001 < 0.05$ ), *Auto-confiança* ( $0.014 < 0.05$ ) e *Motivação* ( $0.012 < 0.05$ ).

**Quadro 14.** Análise das Competências Psicológicas entre os diferentes escalões para o grupo não-elite

		Soma		M		
		Quadrados	df	Quadrados	F	Sig.
Controlo de Ansiedade	Entre Grupos	,241	3	,080	,502	,682
	No Grupo	12,952	81	,160		
	Total	13,193	84			
Concentração	Entre Grupos	5,753	3	1,918	6,424	<b>,001</b>
	No Grupo	24,180	81	,299		
	Total	29,933	84			
Auto-confiança	Entre Grupos	3,214	3	1,071	3,738	<b>,014</b>
	No Grupo	23,215	81	,287		
	Total	26,428	84			
Preparação Mental	Entre Grupos	,633	3	,211	1,066	,368
	No Grupo	16,029	81	,198		
	Total	16,661	84			
Motivação	Entre Grupos	3,883	3	1,294	3,865	<b>,012</b>
	No Grupo	27,122	81	,335		
	Total	31,005	84			
Ênfase na Equipa	Entre Grupos	,513	3	,171	1,273	,289
	No Grupo	10,889	81	,134		
	Total	11,402	84			

#### 4.1.4.1. Controlo de Ansiedade

Analisando especificamente a dimensão *Controlo de Ansiedade* verificamos que não existem diferenças significativas ( $p < 0.05$ ) entre os diferentes escalões do grupo de elite (ver Quadro 15).

**Quadro 15.** Análise da dimensão Controlo de Ansiedade para o Grupo Não-Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Controlo de Ansiedade	Sub14	Sub15	-,100	,113	,813	-,398	,197
		Sub16	,041	,117	,985	-,267	,351
		Sub17	-,041	,128	,988	-,379	,296
	Sub15	Sub14	,100	,113	,813	-,197	,398
		Sub16	,142	,122	,652	-,178	,462
		Sub17	,058	,132	,971	-,289	,407
	Sub16	Sub14	-,041	,117	,985	-,351	,267
		Sub15	-,142	,122	,652	-,462	,178
		Sub17	-,083	,136	,929	-,441	,275
	Sub17	Sub14	,041	,128	,988	-,296	,379
		Sub15	-,058	,132	,971	-,407	,289
		Sub16	,083	,136	,929	-,275	,441

Nota: Tukey HSD (sig .671).

#### 4.1.4.2. Concentração

Na análise da dimensão *Concentração* verificamos que existem diferenças significativas entre os Sub 14 e os Sub 16 ( $0.011 < 0.05$ ), entre os Sub 15 e os Sub 16 ( $0.003 < 0.05$ ), e entre os Sub 15 e os Sub 17 ( $0.024 < 0.05$ ) (ver Quadro 16). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta três grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 17, Sub 16 (sig. 0.975), o segundo grupo constituído pelos Sub 17 e Sub 14 (sig. 0.056), e o terceiro grupo constituído pelos Sub 14 e os Sub 15 (sig. 0.960).

**Quadro 16.** Análise da dimensão *Concentração* para o Grupo Não-Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Concentração	Sub14	Sub15	-,085	,155	,947	-,491	,321
		Sub16	,514	,161	<b>,011</b>	,091	,937
		Sub17	,441	,175	,066	-,019	,903
	Sub15	Sub14	,085	,155	,947	-,321	,491
		Sub16	,599	,167	<b>,003</b>	,161	1,037
		Sub17	,527	,181	<b>,024</b>	,051	1,002
	Sub16	Sub14	-,514	,161	<b>,011</b>	-,937	-,091
		Sub15	-,599	,167	<b>,003</b>	-1,037	-,161
		Sub17	-,072	,186	,980	-,561	,417
Sub17	Sub14	-,441	,175	,066	-,903	,019	
	Sub15	-,527	,181	<b>,024</b>	-1,00	-,051	
	Sub16	,072	,186	,980	-,417	,561	

## 4.1.4.3. Auto-confiança

Procedendo à análise da dimensão *Auto-confiança* verificamos que existem diferenças significativas entre os Sub 15 e os Sub 16 ( $0.008 < 0.05$ ) (ver Quadro 17). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta dois grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 17, Sub 16 e Sub 14 (sig. 0.145) e o segundo grupo constituído pelos Sub 17, Sub 14 e Sub 15 (sig. 0.690).

**Quadro 17.** Análise da dimensão *Auto-confiança* para o Grupo Não-Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Auto-confiança	Sub14	Sub15	-,176	,151	,651	-,575	,221
		Sub16	,361	,157	,108	-,052	,776
		Sub17	,008	,172	1,000	-,444	,460
	Sub15	Sub14	,176	,151	,651	-,221	,575

	Sub16	,538	,163	<b>,008</b>	,109	,968
	Sub17	,185	,177	,725	-,280	,651
Sub16	Sub14	-,361	,157	,108	-,776	,052
	Sub15	-,538	,163	<b>,008</b>	-,968	-,109
	Sub17	-,353	,182	,222	-,833	,126
Sub17	Sub14	-,008	,172	1,000	-,460	,444
	Sub15	-,185	,177	,725	-,651	,280
	Sub16	,353	,182	,222	-,126	,833

#### 4.1.3.4. Preparação Mental

Procedendo à análise da dimensão *Preparação Mental* aferimos que não existem diferenças significativas ( $p < 0.05$ ) entre os diferentes escalões para esta mesma dimensão (ver Quadro 18).

**Quadro 18.** Análise da dimensão *Preparação Mental* para o Grupo Não-Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Preparação Mental	Sub14	Sub15	,104	,126	,840	-,226	,435
		Sub16	-,135	,131	,732	-,479	,209
		Sub17	-,040	,143	,992	-,416	,335
	Sub15	Sub14	-,104	,126	,840	-,435	,226
		Sub16	-,239	,136	,298	-,596	,116
		Sub17	-,145	,147	,758	-,532	,241
	Sub16	Sub14	,135	,131	,732	-,209	,479
		Sub15	,239	,136	,298	-,116	,596
		Sub17	,094	,151	,925	-,304	,493
	Sub17	Sub14	,040	,143	,992	-,335	,416
		Sub15	,145	,147	,758	-,241	,532
		Sub16	-,094	,151	,925	-,493	,304

Nota: Tukey HSD (sig. 0.322).

#### 4.1.4.5. Motivação

Considerando a análise da dimensão *Motivação* verificamos que existem diferenças significativas entre os Sub 14 e os Sub 15 ( $0.025 < 0.05$ ), entre os Sub 15 e os Sub 16 ( $0.029 < 0.05$ ) (ver Quadro 19). Através do Teste de Tukey HSD verificamos que a amostra de jogadores, para esta mesma dimensão apresenta dois grupos em termos de homogeneidade, o primeiro constituído pelos Sub 16 (sig. 1.000) e o segundo grupo constituído pelos Sub 14, Sub 15 e Sub 17 (sig. 0.998).

**Quadro 19.** Análise da dimensão *Motivação* para o Grupo Não-Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Motivação	Sub14	Sub15	-,006	,164	1,000	-,437	,4243
		Sub16	,494	,170	<b>,025</b>	,046	,9420
		Sub17	-,029	,186	,999	-,518	,459
	Sub15	Sub14	,006	,164	1,000	-,424	,437
		Sub16	,500	,176	<b>,029</b>	,036	,964
		Sub17	-,023	,192	,999	-,527	,480
	Sub16	Sub14	-,494	,170	<b>,025</b>	-,942	-,046
		Sub15	-,500	,176	<b>,029</b>	-,964	-,036
		Sub17	-,523	,197	<b>,047</b>	-1,042	-,005
Sub17	Sub14	,029	,186	,999	-,459	,518	
	Sub15	,023	,192	,999	-,480	,527	
	Sub16	,523	,197	<b>,047</b>	,005	1,042	

#### 4.1.4.6. Ênfase na Equipa

Procedendo à análise da dimensão *Ênfase na Equipa* aferimos que não existem diferenças significativas ( $p < 0.05$ ) entre os diferentes escalões para esta mesma dimensão (ver Quadro 20).

**Quadro 20.** Análise da dimensão *Ênfase na Equipa* para o Grupo Não-Elite

Variável Dependente	(I) escalão	(J) escalão	Dif. Média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	95% Intervalo de Confiança	
						Min	Máx
Ênfase na Equipa	Sub14	Sub15	,147	,104	,490	-,125	,420
		Sub16	,092	,108	,829	-,191	,376
		Sub17	-,062	,118	,952	-,372	,247
	Sub15	Sub14	-,147	,104	,490	-,420	,125
		Sub16	-,055	,112	,960	-,349	,238
		Sub17	-,210	,121	,316	-,529	,108
	Sub16	Sub14	-,092	,108	,829	-,376	,191
		Sub15	,055	,112	,960	-,238	,349
		Sub17	-,154	,125	,606	-,483	,173
Sub17	Sub14	,062	,118	,952	-,247	,372	
	Sub15	,210	,121	,316	-,108	,529	
	Sub16	,154	,125	,606	-,173	,483	

Nota: Tukey HSD (sig. 0.268).

Atendendo ao enquadramento de resultados apresentados, podemos afirmar que a hipótese em estudo *Existem diferenças significativas nas competências psicológicas, nos diferentes escalões etários, para o grupo de elite e não-elite* se confirma.

4.1.5. Análise das Competências Psicológicas entre o Grupo de Elite e Não-Elite em função do escalão competitivo.

Pretendemos nesta análise verificar se existem diferenças significativas para os diferentes escalões competitivos entre o grupo elite e não-elite. Para tal, recorreremos à técnica estatística *T-Student*.

#### 4.1.5.1. Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos, elite e não-elite, para o escalão de Sub 14

Através da análise dos resultados do escalão de Sub 14, verificamos que o grupo de elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas analisadas. As dimensões psicológicas que apresentam valores mais elevados são a *Motivação* ( $4,45 \pm 0,23$ ), e a dimensão *Ênfase na Equipa* ( $4,41 \pm 0,31$ ) para o grupo de elite. Para o grupo não-elite, apesar dos valores serem inferiores comparativamente com o grupo de elite, a dimensão que mais se salienta é *Ênfase na Equipa* ( $4,04 \pm 0,37$ ). No grupo de elite, a variável que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental* ( $3,11 \pm 0,37$ ). De igual modo, o grupo não-elite, apresenta a mesma dimensão como a menos cotada ( $2,81 \pm 0,44$ ).

Em termos globais, o grupo elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas. Ambos os grupos apresentam a dimensão *Ênfase na Equipa* como a dimensão mais cotada.

**Quadro 21.** Análise Descritivas das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 14.

	<b>Tipo de Grupo</b>	<b>N</b>	<b>M</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>DP</b>
Controlo de Ansiedade	Elite	26	<b>3,49</b>	2,80	4,20	,31
	Não-elite	27	3,05	1,90	4,00	,43
Concentração	Elite	26	<b>3,83</b>	3,00	4,83	,40
	Não-elite	27	3,36	2,00	4,50	,56
Auto-confiança	Elite	26	<b>3,92</b>	2,89	4,89	,44
	Não-elite	27	3,48	1,89	4,78	,58
Preparação Mental	Elite	26	<b>3,11</b>	2,17	4,00	,37
	Não-elite	27	2,81	1,83	4,00	,44
Motivação	Elite	26	<b>4,45</b>	3,71	4,86	,23
	Não-elite	27	3,75	1,86	5,00	,60
Ênfase na Equipa	Elite	26	<b>4,41</b>	3,43	4,86	,31
	Não-elite	27	4,04	3,00	4,71	,37

Verifica-se que para a presente amostra de jogadores do escalão de Sub 14, todas as dimensões psicológicas apresentam diferenças significativas (Ver Quadro 22) entre o grupo de elite e não elite.

**Quadro 22.** Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 14

	Teste de Levene Para Igualdade de Variâncias		T-Test						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2- tailed)	Dif. Média	Erro Padrão	95% Intervalo de Confiança	
								Min	Máx
<b>Controlo de Ansiedade</b>	2,91	,094	4,20	51	,000	,444	,105	,232	,656
			4,23	47,29	,000	,444	,104	,233	,655
<b>Concentração</b>	5,78	,021	3,53	51	,001	,475	,134	,205	,745
			3,55	47,30	,001	,475	,133	,206	,744
<b>Auto- confiança</b>	3,32	,074	3,02	51	,004	,433	,143	,146	,720
			3,04	48,48	,004	,433	,142	,147	,719
<b>Preparação Mental</b>	1,07	,304	2,66	51	,010	,300	,112	,073	,527
			2,67	50,10	,010	,300	,112	,074	,526
<b>Motivação</b>	14,78	,000	5,47	51	,000	,699	,127	,442	,955
			5,55	33,78	,000	,699	,125	,443	,955
<b>Ênfase na Equipa</b>	,94	,335	3,95	51	,000	,375	,094	,184	,565
			3,97	50,23	,000	,375	,094	,185	,565

#### 4.1.5.2. Análise das Competências Psicológicas entre os dois Grupos, Elite e Não-Elite, para o escalão de Sub 15

Através da análise dos resultados do escalão de Sub 15, verificamos que o grupo de elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas à excepção da dimensão *Ênfase na Equipa*. As dimensões psicológicas que apresentam valores mais elevados são a *Motivação* ( $4,02 \pm 0,07$ ), e a dimensão *Ênfase na Equipa* ( $3,88 \pm 0,03$ ) para o grupo de elite. Para o grupo não-elite, apesar dos valores serem inferiores comparativamente com o grupo de elite, o *score* da dimensão *Ênfase na Equipa* ( $3,89 \pm$

0,08) supera o valor médio do grupo de elite. No grupo de elite, a variável que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental* ( $3,08 \pm 0,05$ ). De igual modo, o grupo não-elite, apresenta a mesma dimensão como a menos cotada ( $2,71 \pm 0,08$ ).

Em termos globais, o grupo elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas, à exceção da dimensão Ênfase na Equipa.

**Quadro 23.** Análise Descritivas das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 15.

	Tipo de Grupo	N	M	Min	Max	DP
Controlo de Ansiedade	Elite	23	<b>3,46</b>	2,80	4,20	,26
	Não-elite	23	3,15	1,90	4,00	,39
Concentração	Elite	23	<b>3,70</b>	3,00	4,83	,04
	Não-elite	23	3,44	2,00	4,50	,07
Auto-confiança	Elite	23	<b>3,68</b>	2,89	4,89	,07
	Não-elite	23	3,66	1,89	4,78	,10
Preparação Mental	Elite	23	<b>3,08</b>	2,17	4,00	,05
	Não-elite	23	2,71	1,83	4,00	,08
Motivação	Elite	23	<b>4,02</b>	3,71	4,86	,07
	Não-elite	23	3,75	1,86	5,00	,10
Ênfase na Equipa	Elite	23	3,88	3,43	4,86	,03
	Não-elite	23	<b>3,89</b>	3,00	4,71	,08

Verifica-se que para a presente amostra de jogadores do escalão de Sub 15, as dimensões que se apresentam significativamente diferentes são a dimensão *Controlo de Ansiedade* ( $0,002 < 0,05$ ), a dimensão *Preparação Mental* ( $0,006 < 0,05$ ) e a dimensão *Motivação* ( $0,006 < 0,05$ ) (Ver Quadro 24).

**Quadro 24.** Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 15

Teste de Levene	T-Test
Para Igualdade	
de Variâncias	

	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Dif. Média	Erro Padrão	95% Intervalo de Confiança	
								Min	Máx
<b>Controlo de Ansiedade</b>	6,87	,012	3,43	44	,001	,308	,089	,127	,489
			3,43	36,44	,002	,308	,089	,126	,491
<b>Concentração</b>	3,51	,068	1,91	44	,062	,253	,132	-,012	,520
			1,91	39,24	,063	,253	,132	-,013	,521
<b>Auto-confiança</b>	4,07	,050	0,14	44	,887	,014	,101	-,189	,218
			0,14	35,66	,887	,014	,101	-,191	,220
<b>Preparação Mental</b>	1,15	,288	2,86	44	,006	,376	,131	,111	,642
			2,86	40,51	,007	,376	,131	,110	,642
<b>Motivação</b>	11,29	,002	2,94	44	,005	,267	,090	,084	,449
			2,94	28,10	,006	,267	,090	,081	,452
<b>Ênfase na Equipa</b>	3,10	,085	-,12	44	,899	-,012	,097	-,208	,184
			-,12	37,16	,899	-,012	,097	-,209	,185
			3,97	50,23	,000	,375	,094	,185	,565

#### 4.1.5.3. Análise das Competências Psicológicas entre os dois Grupos, Elite e Não-Elite, para o escalão de Sub 16

Verificamos, através da análise dos resultados do escalão de Sub 16, que o grupo de elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas. As dimensões psicológicas que apresentam valores mais elevados são a *Motivação* ( $4,08 \pm 0,03$ ) e a dimensão *Ênfase na Equipa* ( $4,00 \pm 0,05$ ) para o grupo de elite. Para o grupo não-elite, apesar dos valores serem inferiores comparativamente com o grupo de elite, a dimensão que mais se salienta é *Ênfase na Equipa* ( $3,95 \pm 0,08$ ). No grupo de elite, a variável que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental* ( $3,12 \pm 0,06$ ). Para o grupo não-elite, a dimensão que se apresenta menos cotada é a dimensão *Concentração* ( $2,85 \pm 0,14$ ).

**Quadro 25.** Análise Descritivas das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 16.

	Tipo de Grupo	N	M	Min	Max	DP
Controlo de Ansiedade	Elite	23	<b>3,40</b>	2,80	4,20	,05
	Não-elite	20	3,01	1,90	4,00	,08
Concentração	Elite	23	<b>3,53</b>	3,00	4,83	,07
	Não-elite	20	2,85	2,00	4,50	,14
Auto-confiança	Elite	23	<b>3,66</b>	2,89	4,89	,05
	Não-elite	20	3,12	1,89	4,78	,14
Preparação Mental	Elite	23	<b>3,12</b>	2,17	4,00	,06
	Não-elite	20	2,95	1,83	4,00	,09
Motivação	Elite	23	<b>4,08</b>	3,71	4,86	,03
	Não-elite	20	3,25	1,86	5,00	,16
Ênfase na Equipa	Elite	23	<b>4,00</b>	3,43	4,86	,05
	Não-elite	20	3,95	3,00	4,71	,08

Verifica-se que para a presente amostra de jogadores do escalão de Sub 16, as dimensões que se apresentam significativamente diferentes são a dimensão *Controlo de Ansiedade* ( $0,000 < 0,05$ ), a dimensão *Concentração* ( $0,000 < 0,05$ ), a dimensão *Auto-confiança* ( $0,02 < 0,05$ ) e a dimensão *Motivação* ( $0,000 < 0,05$ ) (Ver Quadro 26).

**Quadro 26.** Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 16

Teste de Levene									
Para Igualdade									
de Variâncias									
T-Test									
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Dif. Média	Erro Padrão	95% Intervalo de Confiança	
								Min	Máx
<b>Controlo de Ansiedade</b>	,75	,391	3,78	41	<b>,000</b>	,394	,104	,183	,604
			3,69	33,63	<b>,001</b>	,394	,106	,177	,611
<b>Concentração</b>	8,59	,005	4,34	41	<b>,000</b>	,686	,157	,367	1,005
			4,16	27,44	<b>,000</b>	,686	,164	,348	1,023
<b>Auto-confiança</b>	23,77	,000	3,59	41	<b>,001</b>	,534	,148	,234	,833
			3,40	23,30	<b>,002</b>	,534	,156	,209	,858
<b>Preparação Mental</b>	1,90	,175	1,50	41	<b>,140</b>	,173	,114	-,058	,405
			1,47	34,06	<b>,150</b>	,173	,117	-,065	,412
<b>Motivação</b>	23,01	,000	5,18	41	<b>,000</b>	,829	,160	,506	1,153

			4,86	20,96	<b>,000</b>	,829	,170	,475	1,184
<b>Ênfase na</b>	3,81	,058	,572	41	<b>,570</b>	,056	,098	-,142	,254
<b>Equipa</b>			,557	32,91	<b>,581</b>	,056	,100	-,148	,261

#### 4.1.5.4. Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos, elite e não-elite, para o escalão de Sub 17

Recorrendo à análise dos resultados do escalão de Sub 17, verificamos que o grupo de elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas analisadas, com exceção na dimensão *Ênfase na Equipa*, dimensão a qual o grupo não elite evidencia um valor médio mais elevado ( $4,10 \pm 0,07$ ). As dimensões psicológicas que apresentam valores mais elevados são a *Motivação* ( $4,18 \pm 0,03$ ) e a dimensão *Ênfase na Equipa* ( $4,06 \pm 0,05$ ) para o grupo de elite. No grupo de elite, a variável que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental* ( $3,08 \pm 0,06$ ). De igual modo, o grupo não-elite, apresenta a mesma dimensão como a menos cotada ( $2,85 \pm 0,08$ ).

Em termos globais, o grupo elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas, com exceção da dimensão *Ênfase na Equipa*.

**Quadro 27.** Análise Descritivas das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 17.

	<b>Tipo de Grupo</b>	<b>N</b>	<b>M</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>DP</b>
Controlo de Ansiedade	Elite	20	<b>3,52</b>	2,80	4,20	,04
	Não-elite	15	3,09	1,90	4,00	,09
Concentração	Elite	20	<b>3,54</b>	3,00	4,83	,07
	Não-elite	15	2,92	2,00	4,50	,08
Auto-confiança	Elite	20	<b>3,64</b>	2,89	4,89	,03
	Não-elite	15	3,48	1,89	4,78	,09
Preparação Mental	Elite	20	<b>3,08</b>	2,17	4,00	,06
	Não-elite	15	2,85	1,83	4,00	,08
Motivação	Elite	20	<b>4,18</b>	3,71	4,86	,03
	Não-elite	15	3,78	1,86	5,00	,12
<i>Ênfase na Equipa</i>	Elite	20	4,06	3,43	4,86	,05

	Tipo de Grupo	N	M	Min	Max	DP
Controlo de Ansiedade	Elite	20	<b>3,52</b>	2,80	4,20	,04
	Não-elite	15	3,09	1,90	4,00	,09
Concentração	Elite	20	<b>3,54</b>	3,00	4,83	,07
	Não-elite	15	2,92	2,00	4,50	,08
Auto-confiança	Elite	20	<b>3,64</b>	2,89	4,89	,03
	Não-elite	15	3,48	1,89	4,78	,09
Preparação Mental	Elite	20	<b>3,08</b>	2,17	4,00	,06
	Não-elite	15	2,85	1,83	4,00	,08
Motivação	Elite	20	<b>4,18</b>	3,71	4,86	,03
	Não-elite	15	3,78	1,86	5,00	,12
Ênfase na Equipa	Elite	20	4,06	3,43	4,86	,05
	Não-elite	15	<b>4,10</b>	3,00	4,71	,07

Verifica-se que para a presente amostra de jogadores do escalão de Sub 17, as dimensões que se apresentam significativamente diferentes são a dimensão *Controlo de Ansiedade* ( $0,000 < 0,05$ ), a dimensão *Concentração* ( $0,000 < 0,05$ ), a dimensão *Preparação Mental* ( $0,041 < 0,05$ ) e a dimensão *Motivação* ( $0,007 < 0,05$ ) (Ver Quadro 28).

**Quadro 28.** Análise das Competências Psicológicas entre os dois grupos para o escalão de Sub 17

	Teste de Levene		T-Test						
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Dif. Média	Erro Padrão	95% Intervalo de Confiança	
								Min	Máx
<b>Controlo de Ansiedade</b>	3,58	,067	4,33	33	<b>,000</b>	,431	,099	,229	,634
			4,02	20,94	<b>,001</b>	,431	,107	,208	,654
<b>Concentração</b>	,235	,631	5,29	33	<b>,000</b>	,619	,117	,381	,857
			5,28	30,17	<b>,000</b>	,619	,117	,380	,858
<b>Auto-confiança</b>	10,40	,003	1,68	33	<b>,102</b>	,162	,096	-,033	,359
			1,52	18,14	<b>,145</b>	,162	,106	-,061	,387
<b>Preparação Mental</b>	,252	,619	2,12	33	<b>,041</b>	,227	,107	,009	,445
			2,08	27,75	<b>,047</b>	,227	,109	,003	,451

<b>Motivação</b>	13,55	,001	3,51	33	<b>,001</b>	,404	,115	,170	,639
			3,11	16,13	<b>,007</b>	,404	,130	,129	,680
<b>Ênfase na</b>	,01	,906	-,443	33	<b>,661</b>	-,040	,091	-,226	,145
<b>Equipa</b>			-,436	28,52	<b>,666</b>	-,040	,092	-,230	,149

Atendendo à apresentação de resultados na comparação das competências psicológicas dos diferentes escalões etários do grupo elite e não elite, poderemos considerar que a hipótese de estudo, *Existem diferenças significativas nas competências psicológicas, nos diferentes escalões etários entre o grupo de elite e não-elite*, definida anteriormente, se confirma.

Um dos propósitos fundamentais deste estudo depreendeu-se com a análise das competências psicológicas presentes em cada um dos grupos considerados na investigação, elite e não elite. Para tal, foi-nos essencial o levantamento de informação sócio-demográfica do grupo de jogadores participantes na investigação. Através da análise descritiva destes dados concluímos que a nossa amostra de jogadores de elite apresenta valores médios superiores em relação a algumas variáveis consideradas na recolha, nomeadamente, a média de *idade de início de prática da modalidade*, o *número de anos de prática federada* e o *número médio de horas de treino por semana*.

Relativamente à análise de competências psicológicas, numa primeira abordagem, foi realizada de modo global a comparação entre os dois grupos elite e não-elite. Para esta primeira análise concluiu-se que o grupo elite evidencia valores médios superiores em todas as dimensões, assim como, todas as dimensões psicológicas se diferenciam significativamente entre os dois grupos. Como dimensões mais cotadas ambos os grupos evidenciam a dimensão *Motivação* e *Ênfase na Equipa*. A dimensão que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental* para ambos os grupos.

Numa segunda análise privilegiamos a análise das competências psicológicas dentro do próprio grupo, elite e não-elite, para os diferentes escalões etários.. Para o grupo de elite, verificamos que as dimensões que se apresentam com diferenças significativas entre os escalões são *Concentração*, *Auto-confiança*, *Motivação* e *Ênfase na Equipa*.

Por sua vez, o grupo não elite apresenta diferenças significativas entre os escalões ao nível das dimensões *Concentração*, *Auto-confiança* e *Motivação*.

Por último, o nosso objectivo prendeu-se com a comparação das competências psicológicas entre o grupo elite e não-elite em função do escalão competitivo. Relativamente ao grupo Sub 14, elite e não-elite, verificamos que todas as dimensões psicológicas apresentam diferenças significativas entre os dois grupos. Em todas as dimensões avaliadas, o grupo elite apresenta valores médios superiores, sendo que em ambos os grupos a dimensão com cotação mais elevada é *Ênfase na Equipa*. A dimensão que se apresenta menos cotada, para ambos os grupos, é *Preparação Mental*.

Para o grupo Sub 15, elite e não-elite, concluímos que o grupo de elite apresenta valores médios superiores para todas as dimensões psicológicas à excepção da dimensão *Ênfase na Equipa*. As dimensões psicológicas que apresentam valores mais elevados são a *Motivação*, *Ênfase na Equipa*, ainda que esta última dimensão apresta o seu valor mais elevado no grupo não elite. . Para ambos os grupos, a dimensão menos cotada é a *Preparação Mental*. Verifica-se que as dimensões que se apresentam significativamente diferentes entre os dois grupos são *Controlo de Ansiedade*, *Preparação Mental* e *Motivação*.

Considerando o escalão de Sub 16, o grupo de elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas. As dimensões psicológicas que apresentam valores mais elevados no grupo de elite são a *Motivação* e *Ênfase na Equipa*. No grupo não-elite, a dimensão que mais se salienta é *Ênfase na Equipa*. No grupo de elite, a variável que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental*, e no grupo não-elite é a *Concentração*. Para este escalão, comparando os dois grupos, as dimensões que se apresentam significativamente diferentes são *Controlo de Ansiedade*, *Concentração*, *Auto-confiança* e *Motivação*.

Analisando o escalão de Sub 17, concluímos que o grupo de elite evidencia valores superiores em todas as dimensões psicológicas avaliadas, com excepção na dimensão *Ênfase na Equipa*, dimensão a qual o grupo não elite evidencia um valor médio mais elevado. As dimensões psicológicas que apresentam valores médios mais elevados são

*Motivação e Ênfase na Equipa* para o grupo de elite. No grupo de elite e não-elite, a variável que se apresenta menos cotada é *Preparação Mental*.

Verifica-se que para a presente amostra de jogadores do escalão de Sub 17, as dimensões que se apresentam significativamente diferentes são *Controlo de Ansiedade, Concentração, Preparação Mental e Motivação*.

Através desta análise dos dados relativos às componentes psicológicas dos dois grupos, elite e não-elite, e especificando ao tipo de escalão competitivo, poderemos concluir que em modos gerais eles se diferenciam ao nível das competências psicológicas, contudo estas diferenças significativas apresentam-se de modo distinto para os diferentes escalões, apresentando distintas competências psicológicas.

## 4.2. Estudo II - Análise e Comparação das diferentes Categorias para os Treinadores de Elite e Não Elite

### 4.2.1. Análise Descritiva dos Dados Demográficos dos Treinadores

Através da análise dos dados demográficos dos dois grupos de treinadores, elite e não elite (ver Quadro 29), e procedendo à sua comparação, verificamos que o grupo de elite, relativamente à variável *idade*, evidencia uma média superior ( $33,08 \pm 4,81$ ) comparativamente com o grupo não-elite ( $32,17 \pm 5,13$ ). Considerando a variável *Número de anos de exercício da profissão*, o grupo de elite evidencia um valor médio superior ( $8,70 \pm 3,86$ ) em termos de comparação com o grupo não-elite ( $6,42 \pm 2,19$ ). De acordo com a variável *habilitações literárias*, verificamos os grupos apresentam-se

de modo similar, diferenciando apenas em um treinador do grupo não-elite que apenas apresenta o 9º ano de escolaridade.

**Quadro 29.** Análise descritiva dos dados demográficos dos treinadores do grupo elite e não-elite

Tipo de Grupo		N	Min	Max	M	DP
Elite	Idade	4	28	40	33,08	4,81
	Nº de anos de exercício da profissão	4	5	18	8,70	3,86
	Habilitações Literárias	4				
	9º Ano	0				
	Licenciatura	3				
	Mestrado	1				
	Doutoramento	0				
Não-elite	Idade	4	26	40	32,17	5,13
	Nº de anos de exercício da profissão	4	5	10	6,42	2,19
	Habilitações Literárias	4				
	9º Ano	1				
	Licenciatura	2				
	Mestrado	1				
	Doutoramento	0				

#### 4.2.2. Comparação das diferentes Categorias entre os Treinadores de Elite e Não Elite, para os diferentes escalões etários

Neste subcapítulo pretendemos comparar os relatos dos treinadores do grupo elite e não-elite para cada categoria definida previamente. Iremos analisar e apresentar os dados por escalão competitivo.

##### 4.2.2.1. Escalão Sub 14

Deste escalão específico fazem parte os treinadores TF1 (grupo de elite) e TF8 (grupo não-elite).

Para a Categoria 1, *Fenómeno futebolístico*, os treinadores apresentaram as suas perspectivas deste fenómeno. No caso do TF1 (ver Anexo 6), a sua preocupação focou-se na apresentação da complexidade deste fenómeno:

*“(...) O jogo por natureza é um jogo complexo, porque implica uma série de estruturas complexas, mais as regras e uma série de condições e circunstâncias que o tornam por natureza complexo, e fundamentalmente é jogado por pessoas que de simples têm muito pouco, e no caso do processo de formação, por jovens em processo de aprendizagem. Ou seja, olhando para o futebol como algo simples é retirar a essência do futebol da sua natureza. (...)”*

O TF1 coloca mesmo a questão de que se trata o futebol, o que é o futebol, e responde:

*“O que é o futebol? É algo que é complexo. Porquê? Quando nós vimos um jogo, vemos interacções entre os jogadores, vemos interacções entre as equipas, vemos uma interacção entre o público, vemos interacções entre as duas equipas com o árbitro, vemos interacções em termos grupais, vemos uma série de dinâmicas ao nível das mesmas equipas, dentro da mesma equipa, dentro da própria equipa ao nível sectorial, ao nível grupal, dentro desses grupos ao nível do indivíduo, que eu não consigo conceber esse fenómeno como algo que seja simples”*

Por sua vez, o TF8 (ver Anexo 7), apresenta também a noção de complexidade deste fenómeno:

*“(...) é um âmbito difícil de compreender, é um âmbito que engloba 22 jogadores, mas esses 22 jogadores consoante a forma de pensar de cada treinador, têm uma forma de agir, e essa acção tem de ser focada e direccionada para um todo que é o grupo, ou seja, tem que pôr o chamado modelo de jogo em acção, pondo o grupo a pensar de uma certa maneira (...)”*

Ambos os treinadores no processo de recolha demonstraram a noção de um sistema complexificado, tentando enquadrar essa complexidade. Ambos os treinadores partiram do mesmo princípio, a complexidade, no entanto, diferenciam-se pela forma como esquematizam as suas ideias e as especificam.

Na Categoria 2, *Papel do Treinador na formação dos jogadores*, pretendemos averiguar que importância conferem os técnicos ao seu papel de treinador junto de jovens em processo de formação. O TF1, realça a seguinte questão:

*“(...) os pais. (...) o clube deposita a confiança em nós para os tornarmos melhores jogadores de futebol, e ao mesmo tempo melhores jovens e futuros adultos, melhores homens, melhores*

*peessoas capazes de estarem em sociedade, melhores pessoas capazes de se superarem, melhores indivíduos, e isso é uma grande responsabilidade(...).*

Relativamente a esta categoria, o TF8 apresenta a seguinte caracterização:

*“A minha primeira função é ser pedagógico (...)as nossas ideias devem ser conjugáveis com as características deles. A importância que eu tenho, é isso, ser pedagógico de forma a criar e formar um jogador completo, onde quero chegar com o completo é, a nível das quatro componentes(...).”*

Ambos os treinadores conferem importância à sua função, não apenas na área tático-técnica, mas numa perspectiva mais globalizante do rendimento. Tal como refere TF1, a função de um treinador deve ir além do que é o treino e o jogo, deverá abarcar distintos contextos, para que se proceda a um melhor conhecimento do jogador. Segundo TF8, é importante que o treinador esteja atento, não apenas à componente tática e técnica, é necessário conhecer os jogadores nos distintos domínios, sejam eles físicos e psicológicos.

Na análise da Categoria 3, *O papel dos pais na formação desportiva*, pretendemos verificar qual a importância que os técnicos atribuem ao papel dos pais na formação de jovens jogadores. O TF1, esclarece que:

*“(...) Que agentes são importantes? Tudo aquilo que intervém na nossa vida. No caso do jogador de futebol o que intervém fundamentalmente? O treinador, a equipa técnica, os pais...(...) A importância dos pais vai variando com a idade, porque à medida que o jogador vai formando a sua personalidade, vai ficando cada vez mais capaz de tomar decisões por ele próprio (...). Nós nascemos e não sabemos comer, precisamos que nos alimentem, nós precisamos que nos eduquem, e essa necessidade vai diminuindo ao longo da vida, no caso do futebol é a mesma coisa (...).*

O TF8, vai um pouco mais além e esquematiza a função dos pais consoante o contexto em que estão inseridos os jogadores, sendo:

*“(...) A família, no sistema amador, são uma peça fundamental, trazem os miúdos, levam os miúdos, ajudam no possível a nível de material, e muitas vezes ao ajudarem, pensam que isso lhes dá autoridade para chegar ao ponto de que não já intervenção deles. No profissional já não acontecerá tanto isto, penso que eles não irão discutir, porque para os pais o jogador está no topo(...) Levantam imensas barreiras, imensas barreiras, como experiência própria. Os pais não deveriam ter acesso ao local dos treinos”.*

O TF1 conferiu, ao longo da sua entrevista, extrema importância ao papel dos pais na formação de jovens jogadores, no entanto realça que este papel apresenta distintas funções consoante o escalão competitivo. Para o TF8, a postura dos pais é diferenciada consoante o nível competitivo em que os filhos se encontram. Este treinador adapta a postura de que os pais muitas vezes são um entravo à formação desportiva dos filhos.

Na Categoria 4, *Definição do conceito de Talento*, o TF1 define o conceito como:

*“(...) temos de olhar para o talento como alguém que tem algo que os distingue dos outros. Eu só sou um talento porque sou capaz de fazer uma coisa que pouca gente é ou muitos podem fazer de uma forma semelhante, mas eu faço à minha maneira e essa maneira é reconhecida por todos os outros como uma maneira que tem qualidade e eficaz (...)o que torna um jogador talento nunca é uma característica só, é um conjunto de características que o distinguem (...) essa distinção vai ser sempre complexa (...) não existe equação nenhuma que nos diga o que é o talento”.*

Para o TF8, a definição de talento consiste em:

*“(...) É uma pessoa que realiza a actividade para a qual está direccionada, com a melhor competência possível. Neste contexto do futebol, é aquela que realiza a modalidade em si e que tem um contributo fundamental no contexto de jogo que lhe permite evidenciar-se junto dos restantes colegas (...)”*

Em ambas as abordagens os treinadores referem que os jogadores talento são aqueles que se distinguem dos demais. Como refere TF1, essa distinção é complexa, e deverá ser algo individualizada, não havendo uma fórmula mágica de características “obrigatórias” presentes num jogador talento, uma vez que estas características só se poderão manifestar se o meio providenciar oportunidades para esse desenvolvimento.

Na categoria 5, *Prática Deliberada e / ou Genética*, os treinadores abordaram o tipo de perspectiva que defendem quando questionados de qual a origem das capacidades talentosas.

Para TF1, a origem do rendimento de excelência é entendido como:

*“(...) ainda hoje não sei se eles nasceram, se aquilo foi desenvolvido ao nível da idade deles, ao nível do processo evolutivo deles, sei que eles apresentam aquelas características, e quando têm acho que é nossa obrigação continuar a desenvolvê-las (...) quanto mais vezes eu fizer aquilo, ao nível das diferentes estruturas, ao nível dos diferentes contextos, dos diferentes pisos que podem existir, quanto mais eu fizer isto mais o corpo reconhece como algo que é meu, aquilo não é algo de estranho, aquilo é algo que eu faço, e á medida que eu vou fazendo mais vezes, ao nível da repetição sistemática, o meu corpo vai-se adaptando aquilo, e cada vez mais vou sendo melhor a fazer aquilo, sabendo que varia sempre, mas cada vez mais o jogador vai ficando mais apto a responder melhor (...)”.*

TF8, aborda a questão da origem das capacidades talentosas da seguinte forma:

*“Um talento faz-se. Pode um miúdo estar mais predisposto devido a uma educação que teve devido a uma maior variabilidade de experiências a todos os níveis. Agora, não nasce (...). Existem um conjunto de informações que o predispõe para aquilo, mas se não forem trabalhadas e desenvolvidas elas não se manifestam (...) Todo o talento aparece quando existe a oportunidade(...)”.*

Para TF1, a origem do rendimento de excelência dever-se-á ao treino, e à sua qualidade, privilegiando a repetição e aprendizagem, permitindo o desenvolvimento de mecanismo sensoriais e proprioceptivos para dada acção específica. O TF8 aborda a questão das oportunidades que permitem o despoletar do talento, conferindo importância aos constrangimentos situacionais na construção de talentos no futebol.

Relativamente à Categoria 6, *Idade aconselhável de início da prática desportiva*, pretendemos averiguar junto dos técnicos qual o referencial que apontam para o início da prática desportiva, assim como, clarificar se consideram esse início precoce fundamental no alcance de performances de excelência. Para o técnico TF1:

*“a partir dos 8 anos, dos 9 anos(...) O miúdo vai ter tanto para crescer e para evoluir que o que nós não podemos fazer é limitá-lo...castrá-lo. . Nós temos de o deixar jogar, e por isso é que nos jogos de 4x4 e 5x5, que são jogos adequados ás idades mais baixas, existem apenas noções básicas ao nível da organização(...) a especificidade será o adequado para a evolução deles, e quanto mais cedo eles forem capazes de se irem adaptando, mais cedo são capazes de criar neles as sensibilidades ao nível do seu corpo que lhes permita estar num ambiente variável caótico e que necessita de adaptação constante de uma forma mais natural(...) podemos ter cada vez mais cedo jogadores que sejam capazes de se superarem no jogo”.*

O técnico TF8, perante esta temática assume:

*“Iniciar a prática desportiva quanto mais cedo melhor (...)Falamos em idades de 3, 4 anos, em que devem ter algum contacto com o desporto, e quando digo desporto, englobo as diferentes modalidades. Em contexto federado, pela experiencia que eu tenho, 8 anos, mas num contexto diferente”.*

O TF1 defende que quanto mais cedo eles iniciarem a prática desportiva melhor serão as consequências desportivas, sempre numa perspectiva de especificidade e não de especialização. O treinador também apresentou ao longo desta temática a necessidade da construção do conhecimento de jogo por etapas. Para o TF8, este inicio poderá ocorrer segundo duas perspectivas, a primeira, iniciar a participação desportiva por volta dos 3/ 4 anos de modo lúdico, não competitivo, e uma segunda, faz referência à participação desportiva federada que deverá ocorrer por volta dos 8/9anos. Ambos os treinadores apontam o mesmo referencial como idade de inicio para a prática desportiva.

Na Categoria 7, *Competências Psicológicas dos Jogadores de Elite*, averiguamos junto dos treinadores quais as competências psicológicas dos jogadores de elite, nomeadamente no escalão que lideram. Para o TF1:

*“(...) a questão da motivação para jogar o jogo neste escalão terá de continuar a ser um processo fundamental (...)Essa é uma das características que para mim, que o jogador de top tem, ele vê uma bola e o primeiro instinto dele é “eu vou jogar aquela bola, eu vou tocar naquela bola (...) ele tem de vir treinar e jogar motivado(...).Pensando a questão da ansiedade, vai sendo cada vez mais evidente (...)Porque ele começa a pensar sobre as coisas, e começa a colocar-se em causa, começa a dizer «se eu não conseguir fazer isto talvez aconteça isto e eu não quero que isso aconteça» isso provoca em mim o quê? Essa desconfiança, essa ansiedade(...)”.*

Para TF8, quando falamos em características psíquicas no rendimento de elite, o treinador aborda da seguinte forma:

*“(...)A qualidade não é só o jogador pegar na bola e fintar toda a gente, ele tem de saber em que direcção deve fintar, o porquê dessa decisão, se fosse só o nível técnico, ele andava para trás e para a frente a fintar, mas não, ele finta sempre com um objectivo, por exemplo do golo, já aí é tático, e se ele parte para cima de um jogador tem confiança, não é inseguro, isso já é*

*psicológico, se for rápido já é físico ou seja, é um englobar de características que lhe permitem evidenciar-se dos demais (...) estou a treinar uma equipa Sub 14, que joga contra atletas Sub 15 (...)a nível psicológico acredito que a minha equipa seja forte, mas amanhã será mais forte porque estão a crescer num contexto exigente”.*

O TF1 como característica primordial dos jogadores de elite, e consequentemente do seu escalão, aponta a motivação como uma dimensão fundamental para o alcance da excelência. Por sua vez, aborda o conceito da ansiedade como sendo algo crescente ao longo do processo de formação de um jogador, pelo facto dos fenómenos envolventes se tornarem cada vez mais conscientes. Deste modo, refere que um jogador de elite para além de evidenciar um nível motivacional elevado, deverá apresentar um controlo da sua ansiedade, adaptando-se às distintas situações. Para TF8, uma das competências presentes nos jogadores de elite é a sua auto-confiança demonstrada no seu desempenho desportivo. Aponta também a exigência do contexto como algo que proporcionará a superação dos jogadores, e os melhores superam-se nestas condições.

Por último, na Categoria 8, *Competências Psicológicas na Selecção e Promoção de Talentos*, abordamos os treinadores no sentido de perceber se quando observam jogadores em outras equipas / contextos, se consideram as suas competências psíquicas.

Para o TF1:

*“temos mais uma vez que perceber o que é que aquele jogador, como ele responde em jogo, como ele é capaz de jogar aquele jogo que está a jogar, e se é capaz de vir a crescer e jogar o nosso jogo, entramos nos domínios tático, técnico, físico e psicológico. Em termos físicos, será o mais fácil de nós percebermos onde é que as coisas jogam, atendendo às características antropométricas (...) são dados mais objectivos (...) «mas nós somos capazes de observar no jogo as competências psicológicas?» Claro! Claro que somos (...)as questões da liderança, a questão do espírito competitivo, a questão da tranquilidade, a questão da suposta ansiedade, a questão do prazer, a questão da capacidade decisional ao nível das escolhas, a capacidade de eu após errar como é que eu reajo, nós somos capazes de observar isso”.*

O TF8 apresenta-nos as características do processo de selecção da seguinte forma:

*“quando olho para um atleta, ele para se evidenciar tem de ter qualidade a nível técnico e a nível tático, e a partir daí compete também a mim perceber se o jogador tem as restantes características (...)O contexto psicológico e emocional, é analisado no jogo(...)”.*

Na sua observação e selecção de jogadores com potencial para chegar elite, o TF1 considera e analisa algumas competências ditas psicológicas, como por exemplo, o processo de liderança, o espírito competitivo, o controlo da ansiedade, a capacidade de aceitar e lidar com o erro. O TF8 apesar de considerar a importância destas competências na selecção de jogadores, não especifica o que realmente é observado.

#### 4.2.2.2. Escalão Sub 15

Deste escalão específico fazem parte os treinadores TF2 (grupo de elite) e TF7 (grupo não-elite).

Para a Categoria 1, *Fenómeno futebolístico*, os treinadores apresentaram as seguintes definições, no caso do TF2 (ver Anexo 6):

*“Considero como algo complexificado, ao ponto de nós neste momento olharmos para os jogadores de elite e haver poucas coisas em comum entre eles, nos domínios físicos, nos domínios técnicos, nos domínios táticos, mesmo falando até de jogadores que ocupam a mesma posição (...) o que há de pouco em comum na formação deles, muitas vezes, tem a ver com o contexto no qual eles são formados (...)no contexto social no qual eles estão envolvidos (...)”.*

Segundo o TF7 (ver Anexo 7):

*“(...) se nós quisermos ver o jogo em si só, se calhar podemos ver de uma forma mais simplista nesse sentido, e realmente são 11 jogadores de cada lado, uma bola, mais três árbitros, e portanto poderemos ver dessa forma. Agora se vemos tudo o que envolve, tudo o que está á volta dele, toda a paixão que há pelo futebol, isso...acho que o torna muito mais complexo (...)”.*

Para o TF2, o fenómeno futebolístico é fortemente condicionado pela região geográfica em que se encontram jogadores. Defende a perspectiva complexificada pois, como o próprio indica, considerando um pequeno sistema, a posição em campo, existe uma variedade imensa de jogadores que encaixam na mesma posição. O TF7 também

defende a perspectiva complexificada no entanto é pouco específico à vertente a que se refere essa complexidade.

Na Categoria 2, *Papel do Treinador na formação dos jogadores*, o técnico TF2 apresenta a seguinte descrição:

*“(...)Ser líder do processo em Sub 15 (...)acho que é um caso muito particular(...) são muito híbridos os miúdos. Todos os grupos são a compilação de várias identidades como é evidente, mas nos Sub 15 acho que essas identidades são muito irregulares, tanto podes encontrar um miúdo super responsável, super autónomo(...), como podes encontrar um miúdo que ainda depende totalmente do líder (...) muitas das vezes, gerir isso, não é fácil (...)”.*

De acordo com TF7:

*“não temos a situação dos adjuntos, não temos preparadores físicos...acabamos por dentro do nosso grupo assumir quase todas as funções(...) pretendo que eles me vejam como treinador (...) mas ao mesmo tempo como um amigo(...)”.*

Para o TF2, as suas funções assentam basicamente em processos de liderança e gestão de processos e comportamentos do grupo. Segundo o TF7, o treinador assume uma postura multifuncional, devido à inexistência de uma série de técnicos. Para além desta multifuncionalidade, o técnico preocupa-se com o facto dos jogadores o verem como um amigo, com o qual possam falar sobre tudo.

Na análise da Categoria 3, *O papel dos pais na formação desportiva*, o técnico TF2 apresenta o seguinte:

*“(...)Dependendo do contexto, a ordem é diferente(...)eu não tenho dúvidas que um jogador Sub 18 e 19 ouve o pai, ouve as palavras que lhe são ditas em casa mas respeita muito o treinador, e se calhar começa é a ouvir o agente ou o empresário. Enquanto o jogador Sub 14 ouve o pai e respeita o treinador em função de jogar ou não, em função de estar a ter sucesso ou não (...)Nos escalões mais baixos os pais têm uma preponderância muito grande, ali naquela fase dos 16 anos as relações que eles começam a ter também podem ter alguma importância(...).*

Analisando o discurso do TF7, verificamos que:

*“(...) é como lhes costumo dizer «vocês em casa podem ouvir o que quiserem, podem ter os pais a dizer que devem jogar por ali ou por acolá, agora em campo vocês têm de responder aquilo que eu digo, bem ou mal é aquilo que eu digo» (...)dependendo das idades, quanto mais novos forem, mais eles ouvem os pais, portanto se nós estivermos a dizer uma coisa aqui, e eles chegarem a casa e ouvirem algo completamente diferente, isso muitas vezes cria ali algum tipo de conflito(...)”.*

Segundo o TF2, o papel dos pais vai-se alterando ao longo do processo de formação dos jogadores, referindo que estes assumem um importância especial em escalões mais inferiores. Para o TF7, o papel dos pais é importante, no entanto no contexto desportivo, os jogadores devem responder perante o treinador, e não perante os pais. Este técnico também assume a variabilidade do papel dos pais ao longo do processo de formação.

Na Categoria 4, *Definição do conceito de Talento*, o TF2 define o conceito como:

*“Talento é quando o jogador tem algo de especial, pode ser algo de especial a nível técnico, normalmente é a nível técnico (...) fundamentalmente é ter algo de especial, ser especial a nível táctico(...)”.*

Segundo o TF7, a definição de talento apresenta-se do seguinte modo:

*“(...) se calhar não olharia (...) para aquele jogador que faz uma finta muito bonita, ou que dribla muito bem. Para mim um jogador de excelência é aquele que na sua posição (...) consegue fazer quase sempre bem aquilo que é pretendido para aquela posição (...)”.*

Para o técnico TF2, a definição passa por uma performance de excelência ao nível da técnica, e numa forma mais complexificada, ao nível da táctica. Ao longo do seu discurso o técnico não focou qualquer dimensão ou variável psicológica na sua definição. Relativamente ao domínio físico, refere que poderá ter algo de especial em alguns momentos, no entanto não é fundamental. Segundo o TF7, o talento resume-se ao facto do jogador corresponder fielmente ao que lhe é exigido para uma dada posição.

Na categoria 5, *Prática Deliberada e / ou Genética*, segundo o TF2, a origem do rendimento de excelência é entendido como:

*“(... )por exemplo, não é por acaso que os filhos de antigos jogadores, normalmente têm até determinado patamar de exigência da formação, têm sucesso, porque se calhar estão em casa e jogam à bola como ninguém, se calhar vêem futebol como ninguém, se calhar em casa fala-se de futebol como em poucos locais (...)não estou a respeitar o lado genético atenção, estou a respeitar o contexto no qual ele cresceu, de uma estimulação constante e frequente”.*

Segundo o TF7,

*“Eu acredito que é um bocadinho a junção das duas coisas (...) já há um inclino para a prática de futebol, na situação de ter jeito para jogar futebol (...)depois tem de ser com a prática também (...)não acredito que seja apenas um dom natural(...)”.*

Para esta categoria, o TF2 considera a importância do contexto e da estimulação continuada como fonte para alcançar performance de excelência. Segundo o TF7, a origem das capacidades deverá ser considerada numa perspectiva de interacção entre as duas vertentes

Na Categoria 6, *Idade aconselhável de início da prática desportiva*, o técnico TF2 apresenta a seguinte descrição:

*“(...) a nível técnico, indiscutivelmente que quanto mais cedo começar melhor, e a prática faz com que provoque desenvolvimento e provavelmente se já têm algo especial, poderá desenvolver, e muito provavelmente com mais treino, mais prática, mais anos de prática, níveis de rendimento mais elevados (...)”.*

Para o TF7:

*“(...) Pela realidade que conheço, acredito que começando mais cedo há mais probabilidades de chegar á excelência, claro que sim”.*

O TF2 e o TF7 não apresentam nenhum referencial específico para o início da prática desportiva, apenas salientam a importância dos jogadores iniciarem cedo a sua prática desportiva.

Na Categoria 7, *Competências Psicológicas dos Jogadores de Elite*, o técnico TF2 apresenta a seguinte descrição:

*“(...) o que diferencia o talento do bom jogador (...) é essa tal capacidade de (...) sobreviver. (...) ele consegue fazer uma leitura de jogo colectivo, consegue identificar espaços, e depois explorar esses mesmos espaços(...)”.*

Para o técnico TF7:

*“(...) a capacidade de trabalho (...) acredito portanto que essa será uma característica de topo”.*

O técnico TF2 focalizou-se essencialmente em questões técnico-táticas, no entanto, depreendemos através do seu discurso, que valoriza a questão da concentração do jogador na leitura de jogo, assim como confere extrema importância ao funcionamento das interacções dos sujeitos. O TF7, assume durante a conversa que nunca se debruçou sobre esta temática. No entanto, aponta a capacidade de trabalho, a capacidade de trabalhar no limite como uma característica que poderá levar o jogador à elite.

Relativamente à Categoria 8, *Competências Psicológicas na Selecção e Promoção de Talentos*, o TF2 apresenta o seguinte:

*“(...) procuramos identificar até que ponto ele tem de facto algo de especial (...) a nível de scouting o contexto social e a avaliação psicológica poderia ser importante (...).*

Segundo o TF7:

*“(...) por exemplo, a época passada havia um miúdo de outro clube daqui da zona que nos poderia interessar só que eu vim a saber que ele era um miúdo que tinha muitos problemas, e com aquela idade já saía muito e já bebia muito, portanto eu já não prestei mais atenção aquele miúdo(...) é importante ter um perfil de jogador com algumas características, não só em termos de jogador, não só em termos técnicos, não só em termos físicos, mas também em termos psicológicos(...)”.*

O técnico TF2, mais uma vez, não conseguiu esboçar algumas competências psicológicas para caracterizar performances e jogadores de elite, contudo refere que um trabalho a este nível poderia ser muito importante. Segundo o TF7, para além das competências técnicas e táticas, o jogador deverá apresentar uma vida com padrões aceitáveis para o clube. O técnico valoriza a postura do jogador em outros contextos de vida.

#### 4.2.2.3. Escalão Sub 16

Deste escalão específico fazem parte os treinadores TF3 (grupo de elite) e TF6 (grupo não-elite).

Para a Categoria 1, *Fenómeno futebolístico*, os treinadores apresentaram as seguintes definições, no caso do TF3 (ver Anexo 6):

*“(...) é um fenómeno complexo, o mérito é de facto tornar essa complexidade, operacionalizada e operacionizável da forma mais simples possível (...), o fenómeno em si é extremamente complexo, e o facto de justamente no futebol serem 22 jogadores e não apenas 10 como no basquetebol, o facto de o espaço de jogo ser o que é, tão grande, e depois a própria carga emotiva que normalmente existe á volta do jogo de futebol, acabam por tornar o fenómeno realmente uma entidade, no meu entender, complexa”.*

Segundo o TF6 (ver Anexo 7):

*“(...) as componentes que integram o jogo só por si, e tudo o que delas sobressai, ou seja, o que é que as pessoas vêem nunca é uma coisa constante, está sempre em mutação, uma coisa que nunca é linear. Daí haver sempre uma indefinição quanto ao resultado, daí as acções realizadas pelos jogadores nunca serem as mesmas perante o mesmo problema (...) existem muita imprevisibilidade no jogo(...)”.*

Segundo o técnico TF3, o fenómeno futebolístico é extremamente complexo, no entanto o verdadeiro trabalho será tornar esta complexidade em algo simplificado capaz de ser aprendido e apreendido pelos jogadores. O TF6 apresenta a noção da imprevisibilidade do jogo e do resultado, das relações que se estabelecem, como sendo algo que potencia essa complexidade.

Na Categoria 2, *Papel do Treinador na formação dos jogadores*, o técnico TF3 apresenta a seguinte descrição:

*“(...)a minha acção tem que se exercer naturalmente através do exercício, ou seja, eu através das situações que crio no meu treino, a minha intenção é através delas desenvolver, corrigir, melhorar e potenciar características e capacidades que eu identifico nos jogadores de modo a torná-los ainda melhores e cada vez melhores (...)”.*

De acordo com TF6:

*“(...) devemos acima de tudo ter um papel multifuncional, mais na prevenção do desaire (...) nós somos mais uma ajuda para o jogador, não, eu acho que não consigo eu sozinho com a minha formação ou com o meu conhecimento potenciá-lo de maneira a que ele atinja esse grupo de elite(...)”.*

Segundo o técnico TF3, a função do treinador passa pela orientação, aperfeiçoamento e potenciação das capacidades do jogador com vista à melhoria do seu rendimento desportivo. Para o TF6, o treinador deverá ser alguém polivalente quanto às suas funções, privilegiando o trabalho de prevenção com os jogadores. Refere ainda que o trabalho unitário por parte deste, não será suficiente para o jogador alcançar o nível de elite.

Na análise da Categoria 3, *O papel dos pais na formação desportiva*, o técnico TF3 apresenta a seguinte reflexão:

*“o ambiente familiar, a família, tem sempre uma acção importante seja nos talentos, seja nos que não são talentos, e isso pode ser sempre um factor ou inibidor ou potenciador desse mesmo jogador”.*

Para o TF6:

*“(...) a família, é perniciosa no sentido de exigir ao filho, de modo obcecado, que ele consiga atingir esse objectivo e por vezes isso é nefasto para o jogador (...)”.*

Para o TF3, a família, consoante a sua acção, poderá ser um suporte fundamental para o jogador no alcance da excelência desportiva, ou por outro lado, poderá condicionar fortemente este percurso. O técnico TF6 apenas apresenta um exemplo da influência negativa que a família poderá ter no rendimento desportivo do atleta.

Na Categoria 4, *Definição do conceito de Talento*, o TF3 define o conceito como:

*“um jogador talento, que é um talento, é naturalmente um jogador quer por aquilo que evidencia, quer por aquilo que se intui, ou seja, o que quero dizer com isto é que muitas vezes aquilo que ele tem é mais do domínio do potencial do que propriamente do domínio do real (...) , por aquilo que já fazem comparados com os da própria idade, ou por aquilo que ainda não conseguindo fazer mas detectando neles capacidades nomeadamente ao nível da inteligência de*

*jogo, ao nível da capacidade de antecipação e resolução de problemas em situações ou em contextos”.*

Segundo o TF6, a definição de talento apresenta-se do seguinte modo:

*“(...)Eu penso que é pela sua postura, em campo e fora dele, e por tudo aquilo que ele consegue, sem abrir a boca, consegue demonstrar aos demais, aos seus colegas, aquilo que ele vale, o seu potencial nas suas acções em campo, na sua leitura de jogo, na sua inteligência que põe no jogo(...)”.*

Para o técnico TF3, a definição passa por domínio real, poderemos afirmar como sendo o conteúdo manifesto das intenções do jogador, e um domínio potencial, características ou competências que ainda não evidencia mas tem predisposição para a reprodução desse conteúdo latente. Para TF6, a manifestação das capacidades talentosas passa pela sua acção corporal, postural e pela sua atitude. Considera ainda que um talento deverá ser aquele jogador que evidencia uma inteligência de jogo através das suas acções.

Na categoria 5, *Prática Deliberada e / ou Genética*, segundo o TF3, a origem do rendimento de excelência é entendido como:

*“(...) a tendência será sempre atribuir a ambas (...)inclino-me mais para o talento fazer-se, no entanto, acho que nunca se fará se não houver uma componente genética que o ajude, ou seja, eu acho que o talento constrói-se através das múltiplas experiências que vivencia, de preferência desde muito novos, e quando de experiências não falo apenas em futebolísticas, tem a ver com o património motor q o jovem adquire desde muito novo, mas eu acho que o talento depois trabalha-se e constrói-se(...)”.*

Segundo o TF6,

*“(...) é uma coisa que já nasce connosco, o jeito(...)é algo que já nasce com eles(...)”.*

Para o TF3, a solução encontra-se na interacção de ambos os conceitos, sendo que deverá haver uma componente genética que será potenciada através das mais diversificadas experiências, de preferência em idades mais jovens. Segundo o TF6, o talento será inato, algo que já nasce com o indivíduo.

Na Categoria 6, *Idade aconselhável de início da prática desportiva*, o técnico TF3 apresenta a seguinte descrição:

*“(...) penso que é a partir do que já existe, 8 anos, acho que se adequa. Agora se perguntar a minha opinião, se os jovens podem começar a praticar a modalidade, e quando digo praticar tenho de colocar entre aspas, a partir dos 3 / 4 anos, eu acho que é possível desenvolver actividades que os comecem a despertar para a prática. O que acontece se calhar em alguns casos é que se quer fazer com jovens com 3, 4, 5 ou 6 anos, aquilo que se faz com os de 10, 12, e 13 anos, ou seja, não há essa capacidade de ajustar os conteúdos às idades. (...)”.*

Para o TF6:

*“(...)Eu comecei aos 17 anos, e ainda consegui de certa forma, fazer um percurso engraçado, mas senti falta de bases, de algumas base. (...)Penso que a partir dos 10 anos, embora se comece aqui aos 6 / 7anos, mas acho que vai muito a tempo porque o jogador de futebol consegue apreender muito depressa a informação (...).*

O TF3 apresenta como referencial de idade os 8 anos, no entanto refere que a participação desportiva poderá começar muito antes, 3 / 4 anos, desde que os programas de treino estejam adequados a estas idades. Segundo o TF6, o início da prática desportiva no futebol deverá ocorrer por volta dos 10 anos.

Na Categoria 7, *Competências Psicológicas dos Jogadores de Elite*, o técnico TF3 apresenta a seguinte descrição:

*“(...) consigo encontrar jogadores que são extremamente dotados do ponto de vista tático-técnico, mas a quem os reconheço falta de competências a outros níveis, em outras áreas, nomeadamente na área mental, ou na área emocional (...) trabalho da concentração com os jogadores, eu detecto muitos problemas em muitos jogadores com muitas dificuldades de concentração(...)A questão da liderança por exemplo, acho que é um aspecto muito importante mais dentro do grupo do que ao nível individual, porque nem todos podem ser líderes(...)A questão do controlo da ansiedade, nós temos jogadores que continuam a ter desempenhos muito diferenciados entre o treino e o jogo(...)Depois temos atletas que são tímidos, atletas que são muito acanhados (...) a questão da comunicação também entronca na área psicológica,*

*onde o vosso contributo também pode ser importante (...)a questão da preparação mental para o jogo(...)*”.

Para o técnico TF6:

*“(...). Aqueles que se distinguem dos outros, são os que têm uma maturidade acima da média para a idade deles, portanto entendem o jogo como poucos, já entende como um júnior ou como um sénior(...).*

O técnico TF3, aborda o âmbito psíquico, no entanto sintetiza as competências psicológicas que os jogadores de elite devem apresentar, como sendo: a capacidade de concentração, a capacidade de liderar, o controlo de ansiedade, a capacidade de comunicar e a preparação mental para o jogo. Para distinguir os jogadores com capacidades talentosas dos demais, o TF6 evidencia a maturidade como sendo um factor fundamental nesta distinção.

Relativamente à Categoria 8, *Competências Psicológicas na Selecção e Promoção de Talentos*, o TF3 apresenta a seguinte descrição:

*“(...)nós olhamos antes do que quer que seja são questões de natureza tático-técnica, que são aquelas que mais se evidenciam em situações de jogo(...) fui observar um jogador que independentemente da avaliação que fiz dele em termos tático-técnicos, o jogador foi expulso de uma forma inusual, e o jogador demonstrou um descontrolo emocional total naquele jogo, e naturalmente que fiz questão de mencionar isso no relatório(...).*

Segundo o TF6:

*“(...) tento perceber o entendimento que ele tem no jogo propriamente dito, as acções que ele executa quer com bola quer sem bola, como reage em determinada situação (...) a parte mental também tem... perante um resultado negativo também dá para ver como ele reage (ou até mesmo positivo) (...).*

Ambos os técnicos defendem a primazia das competências técnicas e táticas na selecção de potenciais jogadores de elite, no entanto, conferem importância à dimensão mental, contudo não a operacionalizam, e quando avaliam, avaliam as reacções dos jogadores face a algumas situações competitivas, como está exemplificado no caso apresentado pelo TF3.

#### 4.2.2.4. Escalão Sub 17

Deste escalão específico fazem parte os treinadores TF4 (grupo de elite) e TF5 (grupo não-elite).

Para a Categoria 1, *Fenómeno futebolístico*, os treinadores apresentaram as seguintes definições, no caso do TF4 (ver Anexo 6):

*“(...) é um fenómeno social, acho que está enraizado na nossa sociedade (...), 90% da população gosta e simpatiza com o futebol, “escolhe” um clube logo à nascença, e logo à partida tem isso tipo de influência familiar (...) o futebol deve ser vivido com paixão(...) o futebol em si é a interligação de várias “ciências”(…), de vários factores que todos integrados levam a que de facto um atleta possa ser um atleta considerado de elite(…)”*

Segundo o TF5 (ver Anexo 7):

*“(…)É um conjunto de comportamentos condicionados por todo um passado, toda uma formação cívica, toda uma educação, por isso vejo isto como algo bastante mais complexo (…)”.*

Para o TF4, o fenómeno futebolístico faz sentido se vivido com paixão. No seu entender, o futebol encara um papel fundamental na sociedade, afirmando mesmo que este se encontra enraizado nela. Defende ainda a necessidade do estudo da sua complexidade através de distintas ciências. Segundo o TF5, a complexidade do fenómeno assume-se devido à influência de inúmeros factores e comportamentos, os quais, são condicionados por questões cívicas e educacionais.

Na Categoria 2, *Papel do Treinador na formação dos jogadores*, o técnico TF4 relata o seguinte:

*“(…)a minha função aqui é fazer um complemento de educação (...), gosto muito de conhecer e saber quais são as vivencias deles, familiares, escolares, tudo isso me permite ter um relacionamento mais próximo (...). Depois o ensino da modalidade de futebol é o que é mais*

*fácil para mim, porquê? Porque vão para o treino naquela 1h30m e só querem aprender e estão disponíveis para tudo(...)*”.

O técnico do grupo não-elite, TF5, considera, relativamente a esta categoria que:

*“(...) Reconheço que sou importante, reconheço que posso criar empatias com alguns jogadores e de alguma forma influenciá-los, posso explorar neles determinadas competências que até hoje ainda não tinham sido exploradas, daí haver uma vantagem muito grande no facto dos atletas não terem o mesmo treinador durante anos seguidos(...), é importante o meu papel, mas não o mais importante.”*

Segundo o técnico TF4, a sua principal função consiste em agregar informação do jogador proveniente de distintos contextos, permitindo um melhor conhecimento das suas características, comportamentos e atitudes face a distintas situações. O técnico considera que só depois deste conhecimento aprofundado surgem as questões do rendimento, do treino, do ensino. No seu discurso considera também que a sua função é facilitada pelo facto dos jogadores estarem presentes nos treinos com grande motivação para aquilo que vão aprender. Para o TF5, a sua função permite cultivar e melhorar as competências dos jogadores. Este técnico considera que o seu papel é importante, contudo, não é o primordial.

Na análise da Categoria 3, *O papel dos pais na formação desportiva*, o técnico TF4 refere que:

*“(...) o verdadeiro pilar são os pais (...), os pais assumem um papel de extrema importância, e com o crescimento dos filhos muitas das vezes, podem perder o relacionamento com eles (...), o respeito pela figura dos pais é algo inquestionável, sabendo também que não existem pais perfeitos (...), a figura dos pais deve prevalecer em todo este processo (...)*”.

Segundo o TF5,

*“a família tem um papel absolutamente decisivo (...). A sua importância é realmente mais evidente nos escalões mais novos Sub 12, 13, 14 (...). O trabalho do treinador com os pais, por vezes, a colaboração não é fácil (...)*”.

O técnico TF4 confere extrema importância ao papel dos pais na formação dos jovens jogadores, afirmando a sua prevalência no contexto desportivo. Assume ainda que este

papel poderá ser alterado com a evolução do jogador, onde deverá ser trabalhado o relacionamento entre pais e filhos. O TF5 também assume a importância do papel dos pais na formação dos jogadores, como também considera a variabilidade do papel consoante as idades. O técnico levanta outra questão que abarca a colaboração entre o treinador e os pais, assumindo que por vezes se torna difícil de alcançar.

Na Categoria 4, *Definição do conceito de Talento*, o TF4 define o conceito como:

*“(...)eu sempre me considerei um jogador normal (...) era extremamente exigente porque sabia das minhas limitações (...) só me transcendendo e trabalhando arduamente diariamente é que sabia que podia superar e atingir um nível que muitos outros quase sem trabalho o tinham (...) vi que o trabalho para mim não tinha dias, era mesmo todos os dias, de manhã, à tarde e à noite, era o que fosse necessário(...) certas características já nascem connosco, é a genética, mas depois podem ser muito potenciadas ou não. (...) um atleta extremamente competitivo, com uma excelente qualidade e, acima de tudo com uma percepção do que é o jogo e tendo uma noção exacta daquilo que podem ser os seus objectivos, eu acho que isto torna um atleta de alta competição fantástico(...)”*.

Segundo o TF5, a definição de talento apresenta-se do seguinte modo:

*“(...)é um miúdo que tenha competências técnico-tácticas (...)e para além dessas competências, tenha um conjunto de competências psicológicas, a vontade de superação, de se vencer, de se ultrapassar constantemente, ter uma boa capacidade de reacção ao insucesso, com mais trabalho, que acredite de facto nas capacidades que ele tem, e que tenha uma perspectiva humanista da modalidade (...)”*.

O técnico do grupo de elite, o TF4 demonstra o seu próprio caso e o que o fez chegar ao top da competição desportiva. Para este treinador o trabalho diário, não só das suas competências, mas essencialmente das suas dificuldades, poderá ser uma característica fundamental no alcance de performances de excelência. Considera que poderão haver certas características genéticas que poderão ser potenciadas se esse for o objectivo. Em modo de síntese, refere que um jogador de alto nível deverá ser aquele que apresenta uma boa qualidade de jogo, que percebe o jogo, e acima de tudo, que define quais os seus objectivos.

Para o técnico TF5 um talento deverá possuir competências técnico tácticas assim como psicológicas. Nas competências psicológicas o técnico salienta a questão da superação, o facto

de lidar bem com o insucesso, evidencia autoconfiança, e que por vez se relacione bem com todas pessoas que o rodeia, ao que o técnico refere como sendo a perspectiva humanista.

Na categoria 5, *Prática Deliberada e / ou Genética*, o treinador TF4 apresenta a seguinte descrição:

*“Não acho que só pela experiência adquirida que se vai tornar um atleta de elite (...), por exemplo, o Cristiano Ronaldo. Acho que é inato nele, aquilo são as características que ele tinha geneticamente, que depois foram desenvolvidas e potenciadas (...), penso que é a conjugação dos dois factores, (...) a própria genética faz com que a gente nasça com dadas características, que depois naturalmente com a experiência podem ser potenciadas e com o trabalho desenvolvidas, e assim atingirem-se patamares mais elevados, não de perfeição, mas um nível elevado de qualidade”.*

Para o treinador TF5, a origem das capacidades talentosas pode ser explicada do seguinte modo:

*“(...)as duas estão combinadas, (...) existe um conjunto de características anatomo-fisiológicas (...) exemplo, o tipo de fibras musculares, (...), há uma predisposição (...) ao nível físico eles se distinguem claramente, o muito rápido facilmente se detecta, e não tem a ver com o processo de treino a que está sujeito, parece-me algo mais inato, que depois quando associada a aquisição de um conjunto de técnicas fazem a diferença (...)”.*

Relativamente à origem das capacidades talentosas, o treinador TF4 refere que será uma conjugação das duas perspectivas, isto é, o jogador nasce com dadas características que depois com a prática estas serão desenvolvidas. O TF5 apresenta a noção de que ambas as perspectivas se encontram combinadas, por um lado o jogador nasce com dadas características, ou seja, apresenta uma predisposição, a qual é potenciada com a qualidade da prática.

Na Categoria 6, *Idade aconselhável de início da prática desportiva*, o técnico TF4 apresenta o seguinte:

*“(...) futebol nessas idades, 4 / 5 e 6 anos, é de facto para brincar, desenvolvendo a paixão na liberdade do jogo, (...). Não sou nada contra eles iniciarem nessas idades, onde eles têm oportunidade de aprender a brincar. (...)11 /12 anos, é altura onde eles começam a ter um pouco mais de conhecimentos”.*

Para o TF5:

*“(...) federado não traz qualquer tipo de problema se for enquadrado e se tivermos um conjunto de regras que tornem o desporto mais inclusivo (...), eu não vejo qualquer problema miúdos de 7 anos começarem a competir(...)”.*

O TF4 apresenta como referencial de idade os 4, 5 anos como idade para começar a brincar com a bola, num contexto mais simplificado. Para fomentarem o seu conhecimento de jogo, e iniciarem um nível mais complexificado o treinador refere que a idade ideal será por volta dos 11/12 anos. Segundo o treinador TF5, a idade ideal para iniciar a prática será por volta dos 7 anos, iniciando nesta idade a competição.

Na Categoria 7, *Competências Psicológicas dos Jogadores de Elite*, o técnico TF4 apresenta a seguinte descrição:

*“(...)É um atleta excelente profissional, óptimo aluno, muito bem educado, tem uma percepção de jogo como poucos. Em termos físicos é muito inferior aos outros, mas ele superava-as com a qualidade técnica que tinha (...) teve a inteligência suficiente para torneir o que seriam as grandes dificuldades dele naquele escalão(...), temos 3 ou 4 elementos, que lhe reconhecemos potencial quer físico, quer técnico, e não conseguiam atingir um patamar mais elevado porque o nível mental deles não lhes permitia ter esse nível de exigência (...)”.*

Para o técnico TF5, a distinção de rendimentos no seu escalão poderá ser caracterizada como sendo :

*“(... ) vejo um jogador a assumir o risco, e esse é o bom, é aquele que quer bola, é aquele que quando as coisas estão a correr menos bem quer a bola, tem confiança nas suas acções. O menos bom é aquele que se esconde do jogo quando as coisas não correm bem,. (...)concentração acho que os diferencia, o bom está concentrado na tarefa e isso percebe-se porque o foco atencional dele é o jogo (...)”.*

O treinador TF4 confere extrema importância à componente mental, no entanto não especifica quais as características que poderão diferenciar desempenhos excelentes de desempenhos normalizados, apenas salienta a questão da inteligência de jogo por parte do jogador.

O técnico TF5 salienta como competências psíquicas passíveis de distinguirem desempenhos a auto-confiança de um jogador e a capacidade de concentração.

Relativamente à Categoria 8, *Competências Psicológicas na Selecção e Promoção de Talentos*, o TF4 apresenta a seguinte descrição:

*“(...) a avaliação que fazemos pressupõe uma avaliação física, técnica, táctica e mental (...), mental, por determinado tipo de comportamentos que têm em campo (...) se é um jogador competitivo ou não, se é um jogador que se não o estimularmos vai-se acomodar, se é um atleta que com bola é capaz de fazer maravilhas, mas sem bola não se preocupa com a equipa(...)”.*

Segundo o TF5:

*“(...)Em termos psíquicos, não é o primeiro domínio a ser considerado, a primeira é claramente a inteligência de jogo, o comportamento técnico-táctico (...)”.*

Para o técnico TF4, a avaliação de jogadores deve considerar a dimensão mental, sendo que a técnica e a táctica se sobrepõem. Relativamente ao domínio mental, o técnico diz que avalia as competências através dos comportamentos manifestados pelos jogadores, nomeadamente, se ele é competitivo, se está preocupado com o desempenho colectivo em todos os momentos do jogo, ou se por sua vez é um jogador que se acomoda às situações de jogo.

O técnico TF5 evidencia essencialmente competências técnicas e tácticas, não especificando quais as competências psíquicas avaliadas no processo de selecção de jogadores.

De modo a organizarmos a informação de modo mais simples e sintético, construímos o quadro 30 para leitura rápida das ideias fundamentais consideradas em cada categoria segundo os distintos treinadores do grupo elite e não elite.

### **Quadro 30.** Síntese do discurso dos Treinadores por Categoria.

---

Tipo de Grupo

Elite

---

Categoria	Sub 14 TF1	Sub 15 TF2	Sub 16 TF3	Sub 17 TF4	Sub 14 TF8
Fenómeno Futebolístico	Complexo; Estruturas complexas; Interacções	Condicionalizado pela região geográfica (cultura de jogo); Complexidade mini sistemas.	Complexidade operacionizável e operacionalizada	Paixão; Interligação de várias ciências	Complexo; Colocar o grupo todo a pensar da mesma forma
Papel do Treinador na formação dos jogadores	Abranger diferentes contextos; Conhecimento global do Jogador.	Liderança e Gestão de processos e comportamentos de grupo	Gestão da equipa; potenciar características e capacidades dos jogadores.	Agregar informação de outro contextos de vida do jogador;	Conhecer os jogadores nos 4 domínios (técnico, tático, físico e mental
O papel dos pais na formação desportiva	Função e papel variáveis ao longo da formação do jogador.	Função e papel variáveis ao longo da formação do jogador	Potenciar ou inibir o alcance da performance de excelência.	Muito importante. Papel poderá ser alterado ao longo da formação.	Distinção de contextos: amador e profissional
Definição do conceito de Talento	Algo que o distingue dos outros; distinção complexa e individualizada; Não há equação.	Performance de excelência ao nível da técnica.	Domínio do Potencial e Domínio do real	Trabalho diário de competências e dificuldades; características genéticas potenciadas; Qualidade de jogo;	Quando corresponde ao que lhe é exigido;
Prática deliberada e / ou genética	Treino de qualidade; Repetição; Aprendizagem	Contexto; Estimulação.	Interacção da Genética com o Contexto; Construção do talento por múltiplas vivências.	Conjugação duas perspectivas;	Oportunidades que despoletam talento; Constrangimentos situacionais são importantes.
Idade aconselhável de início da prática desportiva	8/9 anos; Especificidade e não Especialização; Construção do conhecimento por etapas.	Sem referencial de idade; Quanto mais cedo melhor.	Participação desportiva 3 / 4 anos; Contexto federado 8 anos	4 / 5 anos – contexto simplificado. 11/12 anos – federado e mais complexo.	Participação desportiva: 3/4 anos; Contexto federado: 8/9 anos.

Competências Psicológicas dos Jogadores de Elite	Motivação e Controlo de Ansiedade.	Superação; Sobrevivência.	Capacidade de Concentração, de liderar, o controlo da ansiedade, a capacidade de comunicar, e a preparação mental para o jogo.	Componente mental importante; Inteligência de jogo.	Auto-confiança; Superação.
Competências Psicológicas na Selecção e Promoção de Talentos	Liderança; Espírito Competitivo; Controlo de Ansiedade; Capacidade de lidar com o erro.	Avaliação poderia ser importante.	Confere importância à dimensão mental, não operacionaliza. Avaliação da reacção a dadas situações em jogo.	Avaliação de comportamentos manifestos, se é competitivo, preocupado com desempenho colectivo, e se se acomoda.	Importância do domínio mental (não específica).

Neste estudo de índole qualitativa, a variabilidade de opiniões, de vivências, de experiências, de conhecimentos, de crenças, transmitida por cada um dos entrevistados é de uma natureza riquíssima, a qual incutiu, sem dúvida alguma, veracidade à informação a ser tratada, proximidade com os fenómenos reais, e qualidade à investigação elaborada. Conseguimos denotar de modo global, e especificamente abordando as competências psicológicas no futebol, que os técnicos apresentam alguma dificuldade em expressar, especificar e qualificar as competências psicológicas presentes em dados fenómenos desportivos, nomeadamente os técnicos do grupo não-élite. No entanto, apesar de reconhecerem a importância das competências psicológicas no alcance de performances de elite, muitas das vezes, e considerando o seu trabalho diário, esta questão “mental” não é operacionalizada, com a excepção do TF1 que reconheceu que actualmente trabalha com uma psicóloga, e demonstrou um à vontade claro quando aborda directrizes do trabalho de psicologia no rendimento desportivo dos seus jogadores. Realço que, também o TF4, apresenta noções bastante elucidativas e específicas do que poderá ser o desenvolvimento destas competências, assim como especifica em que momentos elas podem ser identificadas e conseqüentemente potenciadas.

### 4.3. Estudo III - Comparação das Competências Psicológicas dos Jogadores de Futebol do Grupo Elite e Não Elite com os relatos dos Treinadores

O propósito deste estudo centraram-se em analisar a opinião dos diferentes técnicos acerca das competências psicológicas no rendimento desportivo de excelência (categorias 7 e 8). Especificando o nosso estudo, pretendemos perceber se as ilações levantadas pelos técnicos acerca das competências psicológicas para os jogadores de elite, se realmente estão de algum modo presentes na nossa amostra de jogadores.

Como analisado anteriormente no Estudo II, os técnicos de futebol, apesar de reconhecerem a importância dos factores psicológicos no rendimento de excelência dos jogadores, focando que por vezes são estas competências psicológicas que constituem o pormenor na decisão de um vencedor em dada competição, estes apresentam alguma dificuldade em expressar e especificar as directrizes deste domínio.

Através dos resultados obtidos no estudo II, percebemos que os treinadores que constituem o grupo de elite, na sua maioria é bastante específico nas suas caracterizações e nas definições de competências. Por sua vez os técnicos que constituem o grupo não elite evidenciam alguma dificuldade em debater o assunto, como chegaram mesmo afirmar que nunca tinham pensado em algumas questões colocadas pela investigadora. No entanto, conseguimos esquematizar e delinear algumas considerações feitas por ambos os grupos de treinadores.

No estudo I, quando comparamos as competências psicológicas entre os dois grupos, elite e não-elite, verificamos que estes se diferenciavam significativamente em todas as dimensões, onde a dimensão com maior cotação no grupo de elite era *Ênfase na Equipa*. Analisando a opinião dos treinadores Sub 14, ambos não equacionam a variável equipa, no entanto, fazem a indicação à variável motivação e ao controlo de ansiedade (TF1), como também comprova o Estudo I, quando concluímos que os grupos se distinguem significativamente em todas as dimensões.

Considerando o escalão se Sub 15, concluímos que as diferenças significativas apresentadas entre os grupos faziam referência às dimensões *Controlo de Ansiedade*, *Preparação Mental e Motivação*. Analisando o discurso dos técnicos TF2 e TF7, estes não esquematizam especificamente as competências psicológicas, fazem sim referência

à questão da superação diária (TF2), capacidade de trabalho (TF7) e à importância de adotarem comportamentos aceitáveis em outros contextos de vida (TF7). Assim sendo, não poderemos estabelecer uma ligação directa e linear entre os resultados dos jogadores com o relato dos treinadores.

No escalão de Sub 16 verificamos que o grupo de elite se diferenciava significativamente do grupo não elite nas dimensões *Controlo de Ansiedade, Concentração, Auto-confiança e Motivação*. Segundo TF3 e TF6, poderão ser definidas competências que fazem a distinção de desempenhos. Para TF3, são características como a concentração, a liderança, a capacidade de comunicar e a preparação mental que poderão fazer a diferença. Neste sentido, o técnico relata competências que os seus jogadores evidenciam. Para TF6, a diferença de desempenhos verifica-se através de um nível de maturidade acima da média para aquela idade, assim como na inteligência de jogo. De acordo com o relato deste técnico é mais difícil estabelecer uma relação directa entre o seu testemunho e os resultados obtidos da sua equipa.

Por último, no escalão de Sub 17, as diferenças das competências psicológicas entre os grupos apresentaram-se nas dimensões do controlo da *Ansiedade, Concentração, Preparação Mental e Motivação*. Atendendo ao relato dos respectivos técnicos, TF4 e TF5, as diferenças de desempenhos poderá ser analisada através da inteligência de jogo (TF4), Concentração (TF5), preocupação com o desempenho colectivo (TF4) e auto-confiança. Através destes testemunhos conseguimos estabelecer uma associação directa entre o discurso do TF5 com os resultados dos jogadores ao nível da concentração. Apesar do mesmo técnico referir a auto-confiança, também ela equacionada junto dos jogadores, neste escalão esta dimensão não se revela significativa entre os grupos de elite e não-elite.

Através da análise deste estudo, conseguimos associar algumas competências psicológicas proferidas no discurso do treinador, com os resultados dos jogadores, nomeadamente nas características motivação e ao controlo de ansiedade (TF1) para o escalão Sub 14; a concentração e a preparação mental (TF3) para o escalão Sub 16; e concentração (TF5) para o escalão Sub 17.